

Mons. FRANCISCO OLGATI

Professor da Universidade Católica do Sagrado Coração de Milão

OS JOVENS E A PUREZA

(TRECHOS DE VIDA E EXPERIÊNCIAS PESSOAIS)



BAHIA — 1942

Mons. FRANCISCO OLGIATI

OS JOVENS E A PUREZA

(TRECHOS DE VIDA E EXPERIENCIAS PESSOAIS)

Para os pais, educadores
e moços.



1942

FENIX-GRAFICA

BAHIA

NIHIL OBSTAT.

Bahia, 17 de Agosto 1942

CONEGO EDMUNDO CARNEIRO
Censor ad-hoc

IMPRIMATUR.

Bahia, 17 de Agosto 1942

MONS. APPIO SILVA
Vigário Geral

A Juventude pura e galharda

unida como um feixe de lírios pri-
maveris ao redor do estandarte da "União
dos Jovens Católicos Bahienses"

O Autor,

com coração sacerdotal.

Prefacio da Tradução

Aos queridos «rapazes»

Este livro foi compilado por Mons. Olgiati, mas foi feito pelos «rapazes» do seu meio. E este preâmbulo aqui vem à guisa de prefácio, amoldado em meu espírito mas inspirado pelos «rapazes» de meu próprio meio.

Sempre senti, nas minhas lides apostólicas entre os «móços», o aguilhão interno de uma censura mais acre ao meu coração do que ao deles. Dentre as diversas táticas que empreguei e as inúmeras que outros, ao que sei, já empregaram, poestas e música, «loquência e arte, círculos e festas, engódos piedosos de mil geitos, uma cousa eu experimentei melhor que as outras, vibrando com a alma juvenil dos que a experimentavam comigo — «a paixão do AMOR do Coração de JESUS ao coração do JOVEM». É a cena ininterrupta do Evangelho, donde se apura que eles não podem se fitar sem se amar — JESUS e o móço! Mas... o prefácio? Façam-no os «rapazes». Repitam aqui sinceramente seus conceitos, vasados em horas calmas na intimidade de nosso convivio, quando «os lábios falam o de que está cheio o coração».

«Onde é que está a mágica varinha de condão que manejarão?» — assim, mais ou menos, uns aos outros indagamos, à vista do ideal que marcha, empolga, eletrisa e ganha, em qualidade e número, os «rapazes» de outros meios. As opiniões pululam, certamente variadas, mas criteriosas todas. «É a convicção, filha de um estudo sério.»

Mas, quantos estudiosos, eruditos, convencidos, existem e que, não obstante seu estudo, sua erudição e seus principios, terminam por descer na correnteza, tragados pelas ondas da vulgaridade!

E chovem sem cessar os parecêres: — «a família... a escola... o cinema... os companheiros... as leituras... o ambiente, enfim!»

E nem faltam as proclamações deste jaez: — «a sensualidade! a sensualidade!»

Sem subscrever as teorias «freudianas», mas registrando experiências bahianas, brasileiras, americanas e mundiais, eu me repórto à primeira hora do gênero humano, assisto apavorado ao escurecimento do céu de nossa natureza. Ao desencadear da tempestade, córro esbaforido à cata de um abrigo iluminado e quente até que passe o vendeval assoberbante. E quando o acho, ponho-me a murmurar meio queixoso e fatigado — «a sensualidade! a sensualidade!»

Oh! quanta razão vós tendes, queridos rapazes, meus amigos, de resumir assim a história imensa das defecções, da diminuição da piedade, das quebras da confiança, da extinção progressiva das luzes da crença, do trabalho hediondo da hedionda máquina da descrença!

«Sensualidade! sensualidade!» Tendes razão. Sensualidade — orgulho, sensualidade — impureza, duas vezes sensualidade.

Assim, prefaciastes este livrinho que vós mesmos fizestes.

Agora, desde que vosso diagnóstico foi tão completo e foi tão vosso, não podia deixar de ser completo o vosso remédio e muito vosso. Não só completo, mas perfeito, infalível, divino-humano, filosófico-teológico, muito vosso, muito nosso, de todos nós, porque do adorado escrínio do CORAÇÃO de DEUS. É o que revela este prodigioso livrinho. Tomai e lêdo-o. Lêdo-o e propagai-o.

Não por diletantismo literário, mas por princípio de virilidade cristã e patriótica, recebei-o como tônico vital. Usai-o e tonificai os outros para viverem todos a «vida verdadeira», a vida de HOMENS, que é a da RAZÃO e da FE'.

Bahia, 15 de Agosto de 1942.

D.º Edmundo Carneiro de Araujo

Ass. Ecl. da J. C. B.

PREFACIO

Em pouco tempo quatro edições dêste volumezinho foram rapidamente exgotadas; e com elas desapareceu a trepidação ansiosa que me tinha atormentado, quando pela primeira vez o apresentei ao público.

Eu hesitava. Não sabia como decidir-me a publicar os resultados do inquérito levado a efeito na "União de Jovens Católicos Milanêses", a respeito da pureza. Foi somente a exortação eficaz e calorosa de pessoas autorizadas e ponderadas que a isto docemente me impeliu. Mas, cedendo ao conselho criterioso, sentia dentro de mim uma dúvida que me angustiava.

Seria oportuno este volumezinho? Faria algum bem? Não teria de produzir em alguma consciência uma dolorosa impressão? O têma, já delicado por sua natureza, não se tornava talvez perigoso, pelo modo novo e audaz com que era tratado?

As minhas dúvidas eram vãs. As palavras e bençãos confortadoras que logo me chegaram de piedosos e ilastres personagens, entre os quais as dos dois santos e venerandos bispos, o falecido Cardeal Ferrari e Monsenhor Pascoal Morganti, Arcebispo de Ravenna; o juizo de homens que considero como mestres, padre Guido Matiussi e Monsenhor Carlos Gorla; a aceitação alegre da imprensa católica; o sentimento de sacerdotes e de milhares de jovens, varreram, num instante, com sôpro impetuoso, todas as nuvens de temor, restabelecendo em meu espírito a tranquilidade.

Muitos sacerdotes que, nos oratórios e nas Associações, consagram á Juventude todas as suas energias no sacrificio silencioso e heroico de um trabalho quotidiano indefesso, asseguraram-me que é necessario agitar este problema de pureza, base de todo o movimento juvenil, e á palavra boa, á promessa de uma oração gentil, estes "artistas de almas jovens" ajuntaram o conselho precioso de retoques, modificações e aperfeiçoamentos.

E os moços? Não me quero estender sobre este ponto. Direi simplesmente que só Deus conhece as alegrias sacerdotais, serenas e dôces, que o volumezinho fez florescer, ao redor de minha pobre vida. De toda parte de Italia chegaram-me e continuam a chegar-me comovedoras vozes juvenis.

A história dos companheiros impressionou a muitas consciências jovens; através da sinceridade das narrativas, viram, muitas vezes, o retrato da propria vida e deram generosamente o brado de protesto.

Se fosse obrigado a citar as cartas principais e os novos relatórios que me chegaram, este seria um enorme volume. Mas, creio que é mais oportuno conservar a forma original e limitar-me ainda a uma reimpressão deste pequeno livro que, confesso ingenuamente, me é muito querido e até o mais querido dos meus escritos, mesmo porque não foi composto por mim, mas pelos jovens.

As páginas que lanço nos corações juvenis são acompanhadas das orações de muitas almas boas. Possa por elas ecoar, na profundeza das consciências, a palavra da ressurreição; possam essas páginas lembrar sempre a todos que Jesus Cristo deve ser o fundamento de toda a ação católica, a Eucarística o "Alfa e o Omega" de todo o nosso movimento,

a pureza, as azas fortes e a condição indispensavel a um joven cristão.

Perguntava-se á aguia, na fábula de Lessing: "Porque crias teus filhos nas regiões do ar?" E ela respondeu: "Porventura, ousariam eles, quando adultos, voar até perto do sol, se desde o seu nascimento os deixasse caminhar sôbre a terra ou cair na lama?"

A União de Jovens... quer que todos os seus filhos, quando adultos, vôem ao céu da ação, perto do sol de esplendidos triunfos. E' por esse motivo que ela os convida hoje a voar ás regiões serenas da pureza.

SAC. FRANCISCO OLGATI

Uma Palavra de Introdução

Quando um dia os nossos netos, inebriados pelos triunfos futuros da aviação, dirigirem o olhar indagador para a escuridão dos primeiros ensaios e da história das grandes derrotas, sentirão o fremito da simpatia comovedora pela figura de um precursor infeliz, o francês Clemente Ader.

A esperança de achar a aza para levantar-se da terra e conquistar o dominio dos Céus, animou Clemente Ader, atravez de anos de estudo, de ancias, de trabalhos. E o sonho dourado parecia tingir-se com as côres de realidade. Na presença do Ministro da Guerra, De Freycinet, se realizou a prova: a máquina volante correu um pedaço, cambaleou, pareceu levantar-se, ergueu-se verdadeiramente, correu sem deixar rastos por uma centena de metros; depois, atirou-se contra um carro e se quebrou. O ministro teve para o inventor palavras de conforto e de encorajamento; animou-o e acenou-lhe o dever de estudo e preparo por conta do Estado.

O trabalho recomeçou febrilmente. Chegou o suspirado dia da experiência; o terreno estava amolecido por chuva recente; Generais, membros do Instituto, personagens illustres, esperavam anciosos o resultado. A máquina conseguiu levantar-se, desprender-se da terra, voar baixo, por poucas centenas de metros; depois acabou por espatifar-se contra uma cerca e precipitar-se rebentada, desmantelada, na lama. Foi a segunda e última experiência.

Poucas frases de cerimonioso pesar a Clemente Ader... Depois, todos se foram embora. Debaixo do

céu lúgubre de outono, ficou ele só com um amigo, que não teve coragem de abandoná-lo na triste hora. E nada, observou um poeta, nada era mais patético do que o quadro daqueles dois homens, sobretudo daquele que via para sempre aniquilada a esperança da sua vida. O sentimento da mais dolorosa angustia expressava-se na fisionomia do audaz, que tinha a fronte ardendo num desesperado anseio pelo céu, e os pés, ao contrário, enterrados no lodo da terra.

Não somente narrei uma página de história da aviação, mas também a história de muitas consciências de jovens. O coração de um joven está sempre pronto para voar. Mesmo depois de uma queda, sente o moço, dentro de si, um frémito de azas e tenta lançar-se aos céus da pureza. Infelizmente, este propósito choca-se, muitas vezes, contra um obstáculo. O aparelho precipita-se na lama: e então a aguia da aza quebrada murmura: "Impossível"!... E' a palavra desesperada de Clemente Ader.

Ah! No momento ninguém se aproxima dele para dissipar as nuvens tetricas e mostrar-lhe o azul do céu, todo sulcado de flotilhas aéreas, exultantes na gloria do triunfo. Se Clemente Ader tivesse podido contemplar, mesmo que fosse por breve instante, os céus do porvir, teria divisado os dominadores do ar, os seus livres vôos e suas surpreendentes vitórias. Este espetáculo tê-lo-ia consolado, ter-lhe-ia infundido novo vigor, ter-lhe-ia injetado novo ardor para esforços tenazes, e a vontade invicta de tentar ainda, de experimentar, de vencer. Um grito de coragem teria saído irrefreavel de sua alma reconfortada.

Eis a que se propõe este volumezinho. A todos aqueles que, mesmo por instantes, põem "os pés no lodo, mas conservam a cabeça erguida no desesperado anseio pelos céus", estas páginas hão de revelar uma

visão de juventudes puras e galhardas, unidas como feixe de lírios primaveris, em torno do estandarte da "União de Jovens Católicos Milanese". Com trechos de vida e experiências pessoais, os nossos moços falarão a seus companheiros, enviando-lhes a mensagem da esperança e do voto mais sincero.

.....
O que então apresento aos meus leitores não são práticas de um sacerdote, nem discursos ou reflexões sobre a pureza, nem trabalho meu.

Na verdade, a primeira idéa era muito diversa, é bom que o diga logo, para explicar a origem e o carater deste volumezinho.

No inverno de 1917, entre os propagandistas da "União Juvenil", dei um curso de conferências, tendo por assunto os nossos moços e a pureza.

Como todos sabem, as conferências da nossa Associação não são discursos pronunciados por um mestre do alto de uma Cátedra; antes, porém, conversações familiares, das quais participam ativamente, em controversias animadas, todos os socios presentes.

O curso começou com a discussão. Os moços, um por um, tomaram a palavra para exprimir as suas idéas sobre o interessante argumento. Alguns, estudantes, descreveram os perigos das escolas com relação á pureza; outros, operarios, discorreram sobre os perigos das oficinas e das fábricas; outros ainda, empregados, pintaram o ambiente dos seus officios e dos seus bureaux; um militar expoz as condições morais em que se acham os soldados no quartel, no periodo em que se acham em armas. Alguns estudavam a questão da pureza em relação aos cinemas, aos jornais, aos periodicos, aos teatros e assim por diante.

Outros expressaram o seu juízo sobre o modo com que o moço se aproxima dos sacramentos e procuram as causas da pouca eficácia que, praticamente, produzem a confissão e a comunhão na alma de muitos. Todos depois referiam as objeções ouvidas, muitas vezes, de seus companheiros, e contavam as respostas deles, insistindo nos pontos em que não alcançavam esclarecer-se completamente. Foi depois de muitas noites de semelhantes conversações, que fiz uma serie das conferências, de que falava ha pouco, resumindo, organisando e desenvolvendo os pensamentos que os moços tinham proposto na discussão.

Acho superfluo dar aqui o resumo destas reuniões. Bastará dizer que nos demoramos tratando das ciladas de hoje á pureza dos moços; dos danos que o vicio traz á saúde, á alma, ao carater, á fé, ás familias e á sociedade. Expomos longamente as idéas pedagogicas de Fortster e o exercicio da ginastica da vontade, isto é, a importancia que os pequenos sacrificios e as pequenas mortificações têm sobre a formação do carater. A objeção da impossibilidade da pureza, consideramos não só em si mesma, mas também com relação aos escandalos clericais, como se apresentam na história e na vida. Por convite de um moço, enfrentamos a questão da suposta imbecilidade de S. Luiz Gonzaga. E tudo isso foi tratado sob um ponto de vista especial; o saber com relação não só á vida cristã fervorosamente praticada, a confissão e a comunhão frequente, mas especialmente ao "Apostolado Juvenil".

Assim, como o suspiro ardente e o desejo dos moços a que tinha a honra de falar era o de poderem tornar-se soldados generosos da idéa cristã, da mesma sorte os pensamentos comumente desenvolvidos por quem procura cultivar a pureza deviam assu-

mir um colorido particular, enquanto fosse necessario pô-los em relação com a propaganda de bondade, que os nossos amigos devem exercitar nas escolas, nas oficinas, nas repartições, nos quartéis, e sobretudo no campo de Ação Católica.

O curso foi depois coroado por uma conferencia de Frei Agostinho Gemelli, grande amigo da União, conferencia tanto mais significativa quanto, de modo felicissimo, o illustre orador soube delinear o verdadeiro espirito animador do nosso movimento de pureza.

Todas estas discussões e este esplendido discurso queria eu reunir num volume. Já estava para aplicar-me a este trabalho, quando surgiu a idéa de difundir, entre propagandistas e outros jovens, um questionario e de enviá-lo a muitos amigos que, naquele tempo, foram chamados ao serviço militar.

O método do questionário, conhecido e muito usado nas Universidades Americanas para as pesquisas psicologicas, foi praticado, com otimos resultados, por professores de psicologia de algumas Universidades Europeias.

Creio que em nenhum Ateneu se tentou um questionario ácerca da pureza; e as razões são tão evidentes, que seria inutil insistirmos em expô-las. Eu, pelo contrário, tinha a felicidade de ter diante de mim um terreno ótimo e condições favoraveis para tal experiencia. Tentei-o, mas confesso, sem prever os frutos que daí poderia obter.

Quando aos meus amigos apresentei o questionario, disse-lhes: "Considerai-o. Não me respondais com práticas. Não é caso para isso. Nem quero confissões gerais; não sou um tolo para pedi-las, nem desejá-las. Mas ficar-vos-ia agradecido, se me quisesseis dizer as vossas idéas a respeito de cada pergunta.

Servir-me-ão no preparo do volumezinho, que resumirá o curso ácerca da pureza”.

Repito: esperava alguma observação genial e talvez alguma experiencia pessoal; mas nunca, nunca teria suspeitado o exito que haveria de obter, e que, espero, será apreciado tambem por outros.

Eis o questionario redigido, em colaboração com outros sacerdotes, que á “União de Jovens” davam todo o tesouro das suas energias:

Milão, 21 de Setembro de 1917.

Carissimo, que me respondas com solicitude ao presente questionario:

- 1) — Achas oportunas as discussões ácerca da pureza? Julgas util discutir este assunto com companheiros de outras convicções morais?
- 2) — Pensas que seja possivel para um jovem conservar-se puro sem a fé e a prática religiosa?
- 3) — Uma religião praticada sem entusiasmo parece-te que chegue para sustentar a pureza dum jovem?
- 4) — Que influencia attribúes á confissão?
- 5) — Que influencia attribúes á comunhão?
- 6) — Segundo o teu parecer, é sufficiente a comunhão mensal para um moço?
- 7) — Experimentaste com exito o método que sugere a ginastica da vontade?
- 8) — Qual outro método pratico achaste realmente eficaz para vencer as tentações?
- 9) — Parece-te de grande utilidade lembrar aos moços os danos que traz o vicio á sua saúde?
- 10) — Que attitude, segundo o teu parecer, deve assumir um joven diante do ambiente corrompido que o cerca?

11) — Quais são os perigos que consideras mais fatais?

12) — De que modo consegues dominar a fantasia?

13) — Pensas que existe um nexo entre o Apostolado Juvenil e a pureza?

Não te parece que o viver para um ideal te dá maior força para superar os assaltos da paixão?

14) — A “União de Jovens” exerceu boa influencia sobre a tua alma neste ponto de vista?

15) — A vitória sobre ti mesmo fornece-te serenidade e alegria?

16) — Que respondes aos companheiros que te dizem ser a pureza impossivel aos moços?

17) — Quais são as razões que te persuadem de que te deves conservar puro?

18) — Tens, a respeito, alguma idéa original, que te parece haja sido pouco realçada nas nossas conferencias?

As respostas ao questionario não devem ser assinadas e me deverão ser dirigidas.

Com mil saudações

Sac. Francisco Olgiati

Quasi todos os moços convidados a responder foram solícitos em acolher esse convite. Cêrca de oitenta. Tambem das trincheiras chegaram-me relatorios muito pormenorizados.

E logo percebi que, sem sabê-lo, tinha alcançado resultados maravilhosos. Muitissimos dos caros amigos, com uma generosidade que eu não esperava, em vez de responder ao questionario, escreveram-me toda

a história da sua vida, das suas quedas, dos seus esforços, das suas vitórias. E traziam-me êles mesmos os relatorios, pondo, não obstante a ordem contrária, a sua assinatura, acrescentando que ficavam tambem satisfeitos em dar-me todos aqueles esclarecimentos pormenorizados, que talvez me fossem uteis. Ainda mais: quando a alguns revelei a idéa de publicar as suas respostas, não só se alegraram com isto, mas tambem acrescentaram: "E se quizer, ponha tambem o nome". Ah! os moços! São capazes de qualquer heroismo. Só pode duvidar quem não os conhece.

A' medida que ia lendo as páginas vibrantes de vida e cheias dum senso profundo de sinceridade simples e fascinadora, eu passava de maravilha a maravilha, o meu coração batia comovido com a descrição singela e ingenua das lutas sustentadas. "Nem todas as lutas se travam nos campos de batalha, mas, muitas vezes, é mais facil sacrificar a propria vida que vencer a si mesmo"... E eu me admirava de encontrar uma riqueza de observações psicologicas, finissimas, que eu não tinha encontrado nos livros sobre a pureza (alguns otimos), ou tinha visto expostas apenas numa forma fria e abstrata.

Renunciei, sem delongas, á idéa de reunir as conferencias feitas na "União". E em vez disso, decidi publicar qualquer resposta integral e resumir os pensamentos principais, apontados pelos moços nos seus escritos.

Assim nasceu este volumezinho, que talvez tenha o merecimento de indicar áqueles que se dedicam ao movimento juvenil, um método que, certamente, não se poderá aplicar em toda parte na forma em que o foi em Milão, mas empregado por outros mais competentes e sobretudo melhores do que eu, poderá dar frutos não pequenos, seja sob o ponto de vista

religioso e moral, seja sob o ponto de vista científico.

Antes, porém, de deixar que falem os moços, será util que os apresente aos leitores.

Não me estenderei em falar sobre a "União dos Jovens Católicos Milanese" e sobre sua atividade no correr de treze anos. A história desta florescente associação juvenil descrevi-a em um outro volumezinho, ao qual envio o leitor curioso.

Uma parte notavel da "União" é representada agora pelos jovens de Milão e sobretudo por aqueles que, com o fervor de entusiasmo e com o espirito de sacrificio, levam a palavra da sua boa propaganda, ou se preparam a levá-la a outros companheiros.

Falemos claro.

São moços que vivem na Capital da Italia, e não num paraíso, ou no planeta Marte.

Têm sangue nas suas veias e não leite mórno. Alguns deles, nos anos passados, foram constrangidos a cerrar fileiras no exército, nas trincheiras e nos quartéis, nos quais sobretudo, ao menos até agora, não é frequente o caso de se acharem anjos do céu, empunhando a divisa militar.

Então ninguém se admire de que estes meus amigos sintam o entusiasmo de uma vida galharda, a vivacidade de uma juventude florescente, o sorriso festivo duma saúde robusta e de uma vigorosa frescura. E querem o jubilo, a alegria! A melancolia não a podem afastar, porque não a teem... nem a conhecem...

Nesta intensidade e fervor de vida, êles sentem o que significa o grito da fera e o rugido da paixão, como o experimentaram tambem S. Paulo, apostolo, entre os milagres da sua operosidade; e S. Jeronimo,

dentro do silencio ativo de Belém. A pureza custa-lhes uma continua e quotidiana batalha. O ambiente em que vivem, os perigos que os cercam, as ciladas que lhes armam, a sua idade, o seu sangue, tudo conjura para fazê-los cair. E estas páginas altamente dirão que de sacrificios exige de nossos jovens a defeza da pureza. As proprias quedas de alguns, os esforços repetidos por meses e meses, os métodos adotados para quebrar as cadeias de um costume vergonhoso, a intermitencia, por um certo periodo de ressurreições e de culpas, de culpas e ressurreições, numa palavra, a titânica vontade da vitória, confirmada muitas vezes na vergonha das derrotas tudo mostra claramente a aspereza do combate generosamente enfrentado. Um joven que conseguiu triunfar e descrevia-me os instantes angustiosos das primeiras batalhas, quando lutava com "um propósito violento, com os dentes cerrados..." e não parecia que as expressões revelavam um estado de alma comum nos generosos, que não querem profanar os seus verdes anos, mas anhelam pelo dominio do espirito sobre a carne revoltada.

Sim, logo que este pequeno livro cair entre as mãos de algum joven que, não obstante sentir toda a beleza de um candido ideal, contrista-se contudo pelas dificuldades da empreza, e inclina-se a desesperar da possibilidade do exito, sentir-se-á forte ao escutar a voz dos seus amigos, que lhe contarão a sua história e as suas derrotas, movidos somente pela esperança de que sua experiencia possa fazer bem a outros. Este desejo — e este só — os convenceu e os induziu á sinceridade de uma pública e aberta confissão, procurada espontaneamente, para puderem obter de Deus a redenção de algum irmão desconhecido.

O' jovens que tomais entre as mãos este voluminho, não cerreis o ouvido ao convite destes moços que, como vós, conhecem a força da paixão e os sacrificios da luta. A' palavra de um sacerdote, algum de vós poderia ficar frio; mas não sereis insensíveis a um canto juvenil, ao qual talvez até agora não tenhais acrescentado sinão uma feia dissonancia, porém com o auxilio de Deus, de ora avante, emitireis a nota harmoniosa, digna de uma mocidade que, se afastando dum passado de lama, olha para o azul e entõa as doces melodias serenas de um coração puro.

Trechos de Vida

Cêdo a palavra aos moços...

Refiro literalmente sem alterar uma sílaba. Só tirei aqui e ali algumas circunstancias de valor secundario, que teriam podido identificar o atôr da cena. E tambem isto fiz por minha livre iniciativa, contra o parecer dos moços, cada um dos quais — é bom repetir — não só me escreveu espontaneamente, mas ainda, sem nenhuma insinuação minha, nem de outros, consentiu entusiasticamente na publicação destes "trechos de vida" e agradeceu-me cordialmente, corrigindo as provas do proprio relato.

— I —

Respondendo ao questionario escreveu um joven:

Carissimo Dom Olgiati.

Se V. Revma. em vez de apresentar-me o questionario me tivesse dito que tratasse do assunto que, de certo modo, me fosse mais favoravel e me parecesse mais importante para a vida cristã dum moço, a minha resposta não seria absolutamente diversa da que me proponho dar.

Sim, é sobejamente certo que a questão da pureza para nós moços resume toda nossa força e a firmeza das nossas convicções. Aplaudo então a sua iniciativa com entusiasmo, como o principio de uma ação intensa, destinada a fazer-nos valorizar e sempre conhecer a pureza, como tambem dar-nos os meios de cultivá-la em nossos corações.

Contar-lhe-ei minha história pessoal a respeito dela.

Quando, pela 1ª vez, tive de achar-me defronte do perigo de uma quêda, isto não me fez grande impressão. Frequentava a escola, e o exemplo dos companheiros dizia-me que a pureza é como um brinquedo que se leva até certa idade, e que depois, ao sobrevir o raciocinio, põe-se de lado, num canto, a cobrir-se de poeira e a despertar recordações caras, todas as vezes em que cai sob as vistas. A educação cristã que tinha recebido era muda a este respeito, porque até então não tinha sentido necessidade de fazê-la falar sobre este assunto. As recordações da mamãe tinham sido até então prudentemente veladas de tal modo, que nada tinha de concreto no meu coração. Quando compreendi o sentido daquelas recomendações, a corrente já me havia apanhado e eu fazia tudo para esconder o valor de tais conselhos e para não me colocar, face a face com êles, que podiam ser mais ou menos bons, mas cuja realização era "impossível". Foi aí que, pela primeira vez, este "impossível" me soou grato, como se devesse, como antes não podia fazer, porque a consciência não podia justificar-me completamente e pôr-me em paz comigo mesmo.

Mas, para onde foi a paz? Eu tinha um remorso continuo, um continuo peso sobre o coração, alguma coisa inexprimivel, como um líquido que, comprimido para ser equilibrado, jorrava com força por todos os póros e por todas as fendas. Debalde eu procurava dizer-me que não fazia nenhum mal, que afinal era "impossível" ficar puro, que todos faziam como eu. Sofri naquele tempo uma magua interna, secreta, feroz, indizível. E ela me fez máu, intolerante, de humor triste, impossível. Em casa tornei-me péssimo.

Não conseguia sorrir; e ás recomendações, aos tratamentos afetuozos correspondia com máus modos. Parecia-me que o obedecer me rebaixava, me punha ao nível de todos que eu tinha em pouca conta em comparação a mim. Eu não obedecia. Comecei a fazer algumas vezes atos extravagantes, sem valor, com uma grande facilidade, sob o impulso daquela pena que me torturava, que me fazia viver uma vida fechada, tétrica, como a que vive o corpo quando o mormaço o oprime e o cinzento triste do céu lhe tolhe a respiração.

Todavía conservéi uma certa deferencia, uma certa fé nas coisas da religião. As práticas austeras, com palavras altisonantes, produziam em mim como que o efeito de um remo que, batendo na água, se esmigalhasse. Outras vezes recordava-me de um livro que tinha lido ha pouco — o "Quo vadis" — em que se punha em evidência palpitante o sacrificio de tantos mártires, que, sorridentes em face da morte, afirmavam o seu Cristo. Só debaixo deste aspecto a religião parecia-me grande e, por isso, pagava-lhe ainda um leve tributo de admiração e de fé.

Mas, depois de alguns menses, deu-se em mim uma notavel transformação. Tomou-me uma obsessão de heroismo, de grandeza, impossivel de se descrever. Marchava trinta vezes num dia á conquista do cume mais alto do saber, da coragem, da audacia e da alegria.

Parecia-me, no começo, que estes sonhos de olhos abertos traziam um certo alivio á minha dôr interna, á minha chaga que, não obstante procurasse eu convencer-me de que não existia, contudo sentia sempre dolorosa dentro do peito. Mas, bem cedo deixei aquella carreira, atraz de sonhos mais belos. Lembro-me que, um dia, na algazarra de um dêles, agre-

diu-me de improviso um grande desgosto de mim mesmo; e sorrindo amargamente, disse de mim para mim" — "Sonhas para não viver..." e dei uma pancada tão grande na cabeça que, depois de muito tempo, sentia ainda dôr, quando a tocava do lado em que tinha recebido aquele golpe.

Tornei-me céptico, duro, péssimo. Naquele tempo, por certo, se não me tivessem sido fechadas as portas de uma vida deshonrada, teria caído. Em casa, era simplesmente um desesperado. Cenas tristes, umas sôbre outras, malcriação, manifestações nada respeitadas, nem dignas de louvor. A minha pobre mãe o sabe.

A' pena interior não quiz mais dar ouvidos. E procurei, por todos os modos, sepultar a consciência. Em parte o consegui; mas em certa altura, faltaram-me as forças, tão intenso tinha sido até então o jogo impiedoso de astucia e fingimento, para lograr enganar-me, com o fim de praticar o que eu bem quisera, livre do testemunho interno que me censurava. Nunca mais pensei em acabar com o vicio, nem uma vez mais. Dalí por diante, as práticas religiosas começavam a parecer-me tão vãs, tão pobres do sentido lógico, que começava quasi a odiá-las.

Ia aos domingos, depois que minha mãe me repetia vinte vezes e eu lhe respondia com movimentos de ira, a uma igreja proxima, ouvir missa. Mas que tortura! Aquele bendito padre nunca mais acabava com aqueles sinais no ar, com aquelas bençãos; em certo momento, virava-se e começava a falar de virtude, de salvação da alma, de inferno e de paraíso. Na verdade não me era simpatico. Chegava sempre tarde, quando a igreja já estava apinhada de gente, e ficava fóra da porta, a fazer garatujas

na areia e a bater o pé de impaciencia. Finalmente, se alguém se ia embora, eu saía atrás, correndo.

Por acaso, caiu-me uma vez debaixo dos olhos um livro de Salgari: "Aventuras". E isto despertou em mim um grande desejo de lêr. Corri todos os livros de Salgari, de Verne; comprei os romances ruins que se vendiam nos kiosques, (e livros bons não faltavam em minha casa). Fôlha por fôlha, aí me enterrei todo, completamente, sonhando com florestas misteriosas e planicies ilimitadas. Li tantas vezes até ás duas, ás três da madrugada, sem que o sono me perturbasse e as palpebras se cansassem. E depois queria adormecer, mas impossivel. O pequeno azedume, a cena, a palavra imoral que tinha lido pouco antes, voavam-me na mente como uma muriçoca que foge por um instante e depois volta ainda a zumbir, tirando o sossego e trazendo um estado de irritação pouco desejavel. Não que me irritasse aquela palavra, ou aquele episodio me fosse desagradavel; pois, ao contrário, solicitavam a paixão; mas vexavam-me na medida em que abriam passagem ao remorso, áquele insistente sofrimento, que eu queria ter um conta de morto.

De estudar não se falava, e pensando agora nisso, admiro-me de ter sido sempre promovido. E se não estudava não era porque não quizesse, mas porque não podia fazê-lo. Não tinha absolutamente memoria e sabia o porquê. Mas, habilmente, ocultava a razão disto.

Ainda hoje, pensando na vida que levava, sinto os arrepios da vergonha. Os belos anos, os melhores, os que deviam ser os mais serenos e os mais felizes, eram-me pelo contrário os mais terrivelmente perturbados. Ah! pureza dos meus anos juvenis! Ti-

vesses sido tu então na minha vida companheira mais zelosamente guardada, o sorriso da minh'alma, a bondade do meu coração! Se antes vos tivesseis aproximado de mim, benfeitores meus, se antes me tivesseis mostrado qual é a verdadeira vida! Entretanto, haviam se consumido uns dois anos naquela vida horrivel. Cada vez mais me ia emergindo no mar do vicio. Tinha então cêrca de dezeseite anos. Uma manhã, cedinho, passava sôbre a minha casa um dirigivel, eu corri até o terraço para vê-lo melhor. Mas nem ao menos o olhei, porque meus olhos foram arrebatados por um espetaculo mais belo. O céu naquela manhã estava simplesmente maravilhoso. Era uma festa de luzes e côres. Esse espetaculo me deixou mal. Tinha visto tantos assim, outras vezes; mas nunca me produziram um efeito como o que me produziu naquele dia. Experimentei um sentimento fortissimo. Aquellas belezas da natureza me ressoavam como uma reprovação. Os meus olhos não eram dignos de mirar aquele espetaculo e a minh'alma não podia gozar dele. Sentia haver entre mim e aquelas belezas uma nuvem negra, triste, que não resplendia sob os raios do sol e não gozava do comum regosijo. O meu espirito não podia elevar-se: estava cerrado numa obscuridade, numa desolação tétrica, de que não me podia soerguer. Uma nova necessidade comecei a sentir desde aquele momento. Tinha um vacuo dentro de mim, uma especie de saudade, de poesia indefinida, que me torturava cruelmente. Quantas vezes debati-me contra aquela nova necessidade, sem forças, sem confiança em mim mesmo! Quantas vezes, cerrando os dentes, proferi palavras de raiva e de rancôr!

Uma vez, no meu quarto, sobre os livros que deveria estudar e que apenas conseguia lêr, para

depois não saber mais do que antes, tomei-me de um tal desalento, e dum sofrimento tão profundo, e chorei com tal desesperação, que depois fiquei admirado de mim mesmo.

Tinha já completado também o terceiro curso técnico e, naquele verão, devia ir ao lago Maior, por algum tempo. A minha saúde não era ótima, porém não me poderia queixar. A natureza, tão bela naquelles lugares, tão esplendida e maravilhosa, produziu-me um efeito tal que não podia ali estacionar mais de três ou quatro dias. E ainda era muito! Dentro de mim a sensação de sofrimento, de desalento e de vazio, tinha se aguçado dum modo tremendo. Achei que me devia resolver. Pensei, antes de tudo, que uma relação me satisfaria; por pouco teria caído. Uma relação, entende-se, sentimental, poetica, e um amor que enchesse o vazio, não me daria a paz? Uma reflexão sincera, porém, afastou-me logo deste propósito: eu não sabia amar. Se tivesse sabido fazê-lo em família, teria sido menos ruim. E de resto, por confidência de um amigo, que se achava em condições idênticas ás minhas, sabia que nunca mais encontraria a paz, como nunca mais ele a encontrou. E então? Visto que não pensava em religião senão quando me assaltava o terror daquela hora de missa em domingo, não me restava mais do que um caminho aberto: rebaixar-me, descer os últimos degraus da escada dolorosa, que não sabia subir de novo.

Tinha diante de mim, como incentivo áquella decisão, o exemplo de tantos companheiros, que adormeciam a consciência daquella modo. Por que não fazer assim também eu? Se viviam elles bem, pois que estavam sorridentes, assim viveria também eu.

Mau grado estes pensamentos, não me decidi logo a dar esse passo. A minha consciência revolta-

va-se num movimento de vibora que me mordida ainda mais, e eu a sentia amargamente e experimentava os seus esforços como se me dissesse: "Porque és forte, faze-te valente. Deixa que venha o momento oportuno e verás".

No entanto, por uma causa estranha, que certamente não poderia ser a ideal, inscrevi-me numa "União de Jovens". Achei-me logo mal. Necessitava fingir, dizer que sim, quando o coração dizia não, ou não falar, e de nada ser capaz.

Precisava fazer as comunhões mensais e nem sei dizer que sofrimento era para mim. Ainda hoje eu penso que estas práticas obrigatorias de piedade não deviam existir mais em nossas "Uniãoes". Nenhuma vantagem representam para os jovens; e, ao contrário, talvez um sacrilegio para os que se acham no estado em que me achava eu; e se não se encontram neste estado, tenha-se por certo que não ha necessidade desta palavra "obrigação", para fazer com que elles comunguem frequentemente e peçam que pratiquem as horas de adoração. Cultivem-se a pureza e o ideal no moço, o resto virá por si mesmo; até a piedade e ação, de modo a satisfazerem até aos mais exigentes.

Gostava das conferências, mas quando não tocavam na corda quebrada da virtude, de vida cristã, de Comunhão frequente. Então fazia pouco, como durante a missa do domingo.

O teatrinho aferroava grandemente a minha avidez; direi porque sou tão contrário ao teatrinho nas "Uniãoes". Que vantagens traz? Deveriam ser três: a de união, de meio educativo, auxílio pecuniario. Laço de união? Quantas "Uniãoes" não caíram por causa de inveja e da discordia despertada pelo teatro nos

corações dos moços, pondo-os uns contra outros? Educação? Pois bem, disse-o a um moço sincero e vereis o que vos responderá. Quanto á outra vantagem que se quizera atribuir ao teatro, deixemo-la á parte. Não posso dizer do teatro senão mal, pois que, longe de tirar dele algum bem, fez-me sempre mal, enquanto a minha vaidade e ambição, dando novo alimento á fantasia, criando novos motivos de quedas. (1).

Em substancia, os poucos menses que passei neste estado deploravel na "União de Jovens", não foram nem bons nem máus; se, porém, esta definição parecer demasiado incompleta, corrigir-me-ei dizendo que não foram bonitos. E' certo que de ação não queria, nem podia saber. Pareciam-me um tanto loucos aqueles moços, que corriam á direita e á esquerda, a fazerem práticas e conferências, a procurar assinaturas e ofertas para os jornais, que discutiam sôbre muitas coisas, com socialistas, maçons e liberais! Simplesmente doidos. Oh! porque todo este fanatismo? Deixe que cada qual pense como quizer. Por que tantos sacrificios?

Sabia que não eram pagos. E então? Por que? São desses que se querem salientar! Paciência! Entretanto, no meu interior, no coração, não tinha absolutamente paz. A necessidade de alguma coisa nova que me satisfizesse aguçava-se dia a dia e em mim aumentava o desalento. A inscrição na "União de Jovens" não me tinha deixado tomar o partido desesperado de rebaixar-me ainda mais, mas tambem não era sufficiente para dar-me a ponta da meada, de modo que eu lograsse encher o coração daquilo que só me podia dar a paz e que, entre parentesis, não sabia propriamente o que era...

(1) p. no original...

Achava-me neste estado de agitação profunda quando o Senhor quiz pôr-me em face de uma era de regeneração. Tratava-se de participar de uns dois dias de retiro espiritual; e eu, mais atraído pela curiosidade que por outra cousa, tomei parte nêle. Todas aquelas grandes questões do inferno e da alma de que se tratava ali, interessavam-me pouco, de sorte que, ao que parecia, o fruto daqueles exercicios devia ser nulo. Pelo contrário, não foi assim. Eles me tinham deixado no coração uma sensação indefinida que eu experimentava, mas a que não queria ligar importância. Aquela igreja, aqueles que ali estavam, aquele silencio obrigatório e outras cousas, diziam-me que se podia tomar a religião por uma face, qual não tinha eu imaginado até então. E mais nada me dizem, juntando-se á ansia costumeira uma nova dúvida.

Finalmente veiu a libertação. Foi uma frase? Uma palavra? Não me lembro. Tantas vezes succede não comprehendermos os movimentos fugitivos de nossa alma! O fato é que, subitamente, eu entrevi uma nova vida. Não que percebesse os seus contornos, as suas formas; apenas via sua substancia. Era o SACRIFICIO! E acima de tudo, mais alto e mais resplandescente, o sacrificio pela minha pureza.

Não me sei explicar bem; nem por alto posso descrever. Imagine-se um relampago inesperado, numa noite escura, a clarear tudo por um instante. Que se vê? Nada de concreto e determinado. Todavia, viu-se certo conjunto, entreviu-se alguma coisa que basta para nos dar idéa daquilo que nos cerca para fazer-nos exclamar: "Como é belo!"

Eu tinha vivido até então uma vida quasi completamente material. A minha alma queria alguma coisa que a satisfizesse e que não fosse material. E

eu não o sabia e procurava enganar a mim mesmo. Mas, áquele relampago, áquela concepção primeira e indefinida de uma vida moral e espiritual, não me foi possível deixar de exclaimar: "Como é belo!" A impureza, que formava, por assim dizer, a expressão mais viva e importante de minha vida passada entre angústias e dúvidas, travou logo uma luta tremenda com aquela nova concepção, e eu achei-me diante de um dilema categorico: ou vida nova com a pureza, ou a antiga com a miséria. Considerada assim, a pureza começou a parecer-me como o expoente de minha vida moral e espiritual, como condição indispensavel para viver. Por isto, eu fiz dela como um apostolado íntimo; por isto foi ela a bandeira da minha redenção. Em tudo e por tudo, eu subordinei todas as coisas ás suas exigencias. Foi a primeira vez.

Mas aquela culminancia custava lágrimas e lutas que me faziam mêdo. Como poderia eu vencer?

Acariciava na mente aquela nova lembrança. Via diante de mim uma nova vida, para a qual a minha alma tendia e ardentemente suspirava; uma vida que teria enchido aquele vazio desconsolador, que eu sentia dentro de mim. Era necessário alcançá-la, prendê-la, ainda que o fizesse sem geito em principio, mas cumpria detê-la, fazê-la minha, agora que tinha entrevisto a sua existencia.

Sentia, pela primeira vez, a necessidade espontanea e poderosa de desfazer-me do fardo das culpas, de libertar-me, para aproximar-me de uma nova vida. E aquela necessidade conduziu-me ao confessorio, que até então olhára como um instrumento de tortura e de aviltamento. Com efeito, quanto mais forte é a necessidade, tanto mais se faz para satisfazê-la.

Afinal, eu estava evidentemente ajudado pela

graça divina, implorada pela oração dos meus amigos, que me viam tão ruim.

Aos pés do confessor, abri meu coração; experimentava uma tal sensação de alivio e de paz, que me admirei. Como então? Oh! não era então uma tortura? Um aviltamento da minha própria dignidade? Pobre mundo...

Quando na manhã seguinte fiz a comunhão, quiz ser ainda sincero e leal para comigo mesmo. Aquela Hostia branca inspirava-me uma confiança desaccostumada, e não era mais muda: falava-me da pureza e me fazia apreciá-la; e, ainda mais, brilhava como faról luminoso. Aquela santa comunhão e as seguintes revigoraram-me. O meu propósito firme, irreductivel, achou nelas o auxilio melhor. Eu senti, dali por diante, a necessidade de empregar as novas energias que nasciam dentro em mim. Fiquei tomado de um vigôr, duma obsessão, como para dizer a todos que a vida cristã é a unica que pode o homem viver.

Algumas vezes, saindo da igreja, quizera proclamar um grande amor, amor imenso que compreendia tudo do passado, planta que tudo abrangia na medida boa e serena.

Nasceu em mim o desejo de instruir-me, de ir adiante, conquistando a visão do ideal, (esta palavra já não era vazia de significação), na sua plenitude. Amei, desde então, os sacrificios. Neles me comprazia imergir-me, sofrer, dominar-me.

Daí por diante, não se desenhava na minha fantasia senão um homem que andasse de cabeça erguida, justo, bom, de cujo proceder só se pudesse afirmar: Aquele homem tem o espirito acima da materia.

Em casa fui absolutamente outro. E' tão bonito

ser bom! Os movimentos de ira converti em sorrisos; a perturbação e as queixas numa serenidade alegre; a indiferença, em obediência. E isto me era facil, quasi natural, depois que a pureza insuflava sobre mim o seu benefico influxo.

Eu concebi, combatendo pela minha pureza, a imensa beleza da luta do espirito contra a materia e compreendi que a vida pode ser toda, (nas pequenas e grandes cousas), um apostolado do bem.

Senti, como disse, a nobreza do sacrificio dos proprios instintos e dos proprios vicios de modo tal que desejei, desde então, combatê-los sempre em todas as occasões e em todas as circumstancias. Eu não via mais que uma vida ativa de lutas contra mim mesmo e contra os elementos que contribuiam para tornar-me mais duro o sacrificio. Aquella luta dava-me satisfações íntimas e tão profundas, que eu aprendi a viver mais delas do que dos prazeres materiais. Convenci-me, desde aquele momento, que a pureza do coração e da mente, o espirito completamente religioso, o ideal cristão, são coisas que se entrelaçam mutuamente, de modo que é impossivel a existencia de um sem os outros. Que se quer? Que um moço se aproxime da comunhão espontaneamente; com coração aberto e com grande desejo, quando sôbre êle pesa a nuvem da corrupção? Como pode viver do ideal, dirigindo as suas obras, para aquele luminoso faról, se êle tem no coração a degradação total da idéa, a materialidade absoluta da pureza? E, de outro modo, como se pode pretender que possúa a pureza, sem que a idéa da pureza, sem que a idéa superior, espiritual, que supera todo raciocínio, faça brilhar, a todo o momento, ante seus olhos, a beleza maravilhosa da vida da alma? Eu creio que todos os moços experimentam a necessidade de al-

guma coisa, não material, mas espiritual, como experimentei eu. E creio que as discussões sobre a pureza não valem absolutamente nada para satisfazer aquella necessidade. Elas conseguirão, talvez, consolar no moço a convicção de que a impureza é uma cousa muito feia, e disto não é necessário convencê-lo, porque o sente, demais lhe dirão ainda que aquella impossibilidade tem quasi razão de ser, julgando pelas miserias comuns. Mas nunca dirão ao jovem algo sôbre a vida nova, moral, sublime. Isto dí-lo uma S. Comunhão, (não Comunhão mal feita); dí-lo uma Confissão sincera, total. A Comunhão e a Confissão são sinonimos de pureza e suas consequencias. A pureza traz consigo a Comunhão frequentissima e bem feita, uma confissão modelo. E juntas formam um idéal, o mais sublime que se possa imaginar, o qual exige sacrificio, bondade e amor.

Faça-se com que os nossos moços cheguem á posse do ideal e ter-se-ão trabalhadores maravilhosos e incansaveis no nosso campo religioso e social. Mostre-se ao jovem a beleza de uma vida espiritual intensa; e seu entusiasmo e sua alma edificarão uma vida entrelaçada, em suas minimas particularidades, de ideal e sacrificio.

A minha história pelo menos diz-me assim.

Nos anos que se seguiram áquella crise, vivi sempre feliz. A minha pureza (á qual fazia mal especialmente a liberdade dos olhos, porque as coisas vistas eram adornadas pela fantasia, desejosa de com jeitos de astuciosa, chegar ao fim sem que eu percebesse), sorriu-me sempre e me embelezou a vida. E se ella foi, algumas vezes, perturbada, senti tão poderosa, tão forte a necessidade de reconquistá-la, e com ella a paz e o sorriso, que nunca mais me aconteceu ficar dois dias com a culpa nalma.

A vida militar não a manchou, tanto a consciência que eu tinha do seu valor me preparava bem. Averigüei que não é difícil o que habitualmente assim se julga.

Sempre experimentei uma grande necessidade da Comunhão e posso dizer que, além de não ter perdido ocasião de receber Jesus, fiquei mesmo em jejum alguma vez até uma hora da tarde, para podê-la fazer. Nele achei sempre um vigor novo, insólito, poderoso. Dele aprendi a amar indistintamente a todos os meus companheiros, a suportá-los com seus defeitos, a procurar todos os meios para fazer-lhes bem.

Termino esta exposição da minha vida e das minhas convicções com o voto de que, em breve, em todas as "União de Jovens" ressoe este nome "pureza", como a salvação certa da juventude cristã, como o cimo resplandesciente de luz a ser atingido, como condição indispensável para soldados e heróis de Cristo Senhor.

II

Outro relato muito interessante e rico de ensinamentos, enquanto mostra o método de vencer-se através de esforços e derrotas, é o seguinte:

"Menino, aos onze anos, comecei a frequentar a escola técnica. Entre certos moços, que já se achavam na lama, encontrei-me como um barquinho em mar borrascoso. E tais companheiros, com os quais estava junto o dia inteiro, conversavam, diziam coisas que eu até então não conhecia, ou de que nada compreendia. Os meus pais nunca me tinham falado dos perigos que encontra um moço ao entrar na vida, nun-

ca me haviam ensinado a evitá-los ou a combatê-los. Essas conversas eu escutava não só com os ouvidos, mas também com os olhos, ávidos por compreendê-las. Mas, ainda que a minha mente se esforçasse para raciocinar sobre certas frases, ainda que aguçasse a atenção de toda a forma, durante alguns meses, fiquei ainda nas trevas. E assim continuei, (começando a entrever alguma coisa), até a época da minha primeira Comunhão.

Naquela ocasião, tinha doze anos; a minha mente arrebatada por este misterio de beleza e de amor não tinha tempo para escutar os maus pensamentos que a torturavam.

Foi, porém, um breve periodo; os poucos dias de férias passaram voando, e voltei para o meio daqueles companheiros, daquele inferno. Bons amigos que me dissessem boas palavras, que me explicassem as coisas de modo que não se tivessem despertado as minhas paixões e desejos, desses não encontrei um sequer.

Voltando á escola, ouvi novamente aquelas conversas que tanto me deleitavam, e estes terminaram a sua obra: fizeram como a gota d'agua que cai na rocha e, pouco a pouco, a corroi; meu espirito foi arrastado a um abismo profundo. Comecei a compreender. Pedí algumas explicações, que depois redemoinhavam na mente, fazendo-me sentir a necessidade prepotente de as conhecer. Passo a passo, caí nas primeiras culpas, achei-me nas garras do vicio.

Disto senti os efeitos: tornei-me irrequieto, nervoso, já não era capaz de impôr a minha vontade a mim mesmo; tinha-me tornado um escravo do corpo. A vontade do estudo diminuia dia a dia, e estudava com preguiça; não sentia mais nenhum atrativo;

estava cansado, e nenhum sorriso iluminava o meu rosto. Continuei assim por muito tempo, sem conhecer a gravidade do mal que cometia, moral e materialmente.

Antes de começar o curso técnico, estando mais livre, e tendo que estudar muito tempo, tinha frequentado muitos, ou melhor, quasi todos os cinemas que infestavam Milão. Posso dizer que percorri a "via crucis" dos cinemas. Às vezes, num só domingo, frequentava três, quatro e até cinco. Aquelas cenas inconvenientes, deleterias, que hoje em dia difusamente, e sem fazer distinção alguma entre cinemas populares e aristocraticos, são projetadas nas brancas telas, aparentemente não me faziam mal algum; só me ficavam impressas na mente, e me divertiam imenso ao descrevê-las minuciosamente aos companheiros. Mas logo que eu atirei meu espirito á corrente das paixões, desde que me tornei impuro, aquelas cenas me reapareciam á mente, com todas suas fealdades. Os pensamentos se ligavam a elas e vice-versa; no meu íntimo sucedeu uma revolução de pensamentos, de fatos, de cenas e de fantasias, que despertaram em mim novas paixões, novos desejos; foi uma revolução peor do que a atual russa. E continuei assim, indiferente, acumulando culpa sobre culpa; depois de frequentar por cinco meses o segundo curso, comecei a vida costumeira, porém frequentando sempre o Oratorio. De acordo com as exortações dos queridos e bons superiores, para observancia do regulamento do Instituto, aproximava-me periodicamente dos Santos Sacramentos. Eram, porém, Confissão e Comunhões feitas materialmente, e daí o não sentir nenhum beneficio. Com o passar do tempo as minhas Confissões feitas com uma brevissima preparação, juntou-se tambem uma sensação de vergo-

nha; e então cada vez que me devia confessar, mudava de sacerdote, e isto foi um verdadeiro desastre, peor que o primeiro.

Chegou a final o dia em que comecei a fazer parte da "União de Jovens Catolicos". Nesta associação me puzeram diante dos olhos claro e abertamente o programa da oração do jovem catolico: a pureza do coração e a Comunhão frequente. Diante destas, que chamarei condições, fiquei indeciso; mas tinha aprendido a amar a "União Juvenil" na região onde ia passar as ferias e quiz ficar; quiz, sim, quiz; e decidi mudar de vida, custasse o que custasse, conformando-me com os principios que me tinham ditado.

Devia lutar, devia vencer! Como fazer? Como começar?

Tinha o costume de levantar-me cedo e dar um passeio. Certa manhã, estava atormentado pelo pensamento de achar o meio de começar, entrei na igreja de... e comecei a rezar. Isto succedeu por muitas manhãs seguidas, e aquela oração que não me bastava para tornar-me forte, fez-me sentir a necessidade de aproximar-me dos Sacramentos. Comecei por determinar o meu confessor com o firme propósito de não mudá-lo mais; fiz as minhas confissões com uma preparação mais diligente, e aproximei-me da Sagrada Mesa, com a maxima devoção possivel. Não só isto; procurei o mais possivel praticar esta sugestão: imitar a bola de borracha que, atirada ao chão, salta imediatamente para cima; isto é, cada vez que caisse naquela culpa, fosse imediatamente confessar-me: seria tambem isto um meio para praticar a ginastica da vontade.

Quanta vergonha, que esforço ir cinco, seis, sete vezes seguidas ao mesmo sacerdote! Quanto me pe-

savam aquelas primeiras confissões! Mas, pouco a pouco, como o médico chega a conhecer o doente de que trata e o obriga a um dado regime de vida, assim o meu confessor chegou a conhecer profundamente a minha alma. Eu tive confiança inteira nêlo, ministro de Deus, não experimentei em nenhuma confissão, sinão, a vergonha dos pecados; por certo tempo foram quotidianas; as confissões já não eram feitas por costume, mas porque sentia o dever, a necessidade talvez de apresentar a minha alma chagada e ferida áquele que, em nome de Deus, derrama o balsamo na chaga sangrenta e o bem estar em tranquilidade no meu coração. E estas confissões que se fazem porque se sente o dever, a necessidade, não é verdade que facilitam a queda, como dizem muitos. Assim as peregrinações á igreja de... foram, pouco a pouco, diminuindo, porquanto, de quotidianas, como disse, passaram depressa a semanais, pois é uma dôce necessidade para o moço catolico o confessar-se todas as semanas. Nem sempre, porém, tive a constancia de ir á confissão logo depois da queda. Quando estava sozinho, recolhido, pensando no estado em que me achava, refletindo que até a Confissão aparentemente não me produzia nenhum fruto, porquanto me sentia cansado, abatido, desanimado. Se não conseguia vencer, de que modo poderia atingir o meu ideal?

Eis a pergunta perante a qual eu desesperava. Nas reuniões, não era capaz de dizer palavra, de apoiar ou resolver um objeção. Se por acaso me achava junto de algum antigo companheiro que me falava de coisas más e imorais, não lograva dizer uma palavra, nem contradizer, nem proibir que me falasse daquele modo. E quando durante o trabalho ouvia conversas, ditados, chistes, frases imorais, eu sentia me invadir um sentimento de respeito humano. Além

disto, quando me achava impuro, trabalhava sem cuidado, sem vontade. O trabalho que deveria ser para mim um meio para lutar, era descuidado, pois era-me pesado, insuportavel, deprimente.

Era impossivel que eu pudesse continuar a minha existência mais tempo neste estado, ou conseguisse conservar-me puro por diversos dias. A minha intelligência, as minhas energias sofriam uma alternativa, uma desorientação, que me tornava odiosa a vida. Então, além da prática da confissão, tentei opôr a vontade aos desejos da paixão. Comecei por desviar os olhos de certas figuras, especialmente dos jornais expostos nos quiosques; depois, pouco a pouco, deixei a leitura dos livros de aventuras, dos fasciculos, dos fatos policiaes, de qualquer romance bom ou máu, de tudo enfim. Estes foram os primeiros passos que me custaram não pequeno esforço, porquanto o mal estava fortemente enraizado no meu coração. Multipliquei as minhas Comunhões, fazendo-as mais de uma vez na semana e até todos os dias.

Naquele tempo sucedia um fenomeno bastante estranho; nos dias em que recebia em mim a força de Deus, estava certo de não cair; ao contrário, nos dias em que não me aproximava do banquete eucaristico, caía na culpa habitual. Isto me servia de estímulo e de incitamento para aproximar-me da sagrada Mesa todos os dias, o que me trouxe bem estar imenso. Finalmente, era um vencedor. Faltava ainda livrar a mente dos maus pensamentos.

Nunca mais pronunciei aquelas frases que suscitavam desejos e paixões. Depois, quando se manifestava em meu espirito um pensamento máu, esforçava-me de todos os modos para pensar em outra cousa; desviava a fantasia daquele pensamento, ocupava a mente de qualquer outro modo, trocando por

outro o trabalho que estivesse fazendo, pondo-me a lêr, numa palavra, afastando imediatamente a tentação, pois, por pouco que se lhe dê atenção, basta para fazer-nos cair.

Tinha diante de mim um ideal a atingir, e este me serviu para alcançar muitas vitórias.

Depois da vitória, como me sentia satisfeito e alegre! As energias da mente e do corpo irmanavam-se estritamente. Tendo-se o coração puro, fala-se com segurança, com ardôr; ás conversas, ás frases e palavras más e imorais, ás objeções, faz-se opposição, responde-se logo sem hesitar, sem respeito humano, com a convicção das proprias idéas. O proprio trabalho já não é um peso, mas executa-se com alegria, na persuasão que se está cumprindo o proprio dever. Ainda hoje não está completa a vitória, porque algumas vezes não consigo tanger um pensamento máu; mas, com a ginastica da vontade que me educa o carater, assistido pela graça de Deus, fortificado pela propria força, encaminho-me seguramente para as alturas, até á vitória.

III

E agora ouçamos um jovem empregado que, na Comunhão quotidiana, descobriu a fonte da alegria e da vida. Escreve:

“Quando comecei a frequentar a “União dos Jovens”, em meu coração deu-se uma revolução que foi providencial para mim, porque abriu em minha vida novos horizontes, que antes absolutamente não conhecia e nem imaginava.

E' uma familia bôa a minha; mas, como em outras que conheço, nela se tem noção de fé sem

apostolado, tão necessario á formação do jovem. A fé é considerada como uma especie de formalismo; quando se cumprem as práticas religiosas, está tudo feito. Esta fé, professada tão egoisticamente, nunca exerceu inflúxo benéfico sobre o meu espirito, pois era coisa comum, material e mecânica.

Crescendo deste modo, quando comecei a fazer parte da “União dos Jovens”, desde os primeiros ensinamentos dos bons sacerdotes e do presidente, compreendi como a minha educação religiosa era incompleta, porque nela faltava toda a parte do Apostolado, que comecei então a desenvolver entre meus companheiros de escola. O grandioso ideal da “União”, traçou-se diante dos olhos, esplendido, majestoso e fascinador, embora devesse sustentar duras lutas e duros sacrificios, antes de atingir a suspirada méta.

Eis então outro conceito da vida, isto é, vida de bondade operosa, vida de propaganda, para difundir, para fazer conhecer toda a beleza da nossa fé a tantos jovens, que tiveram a desgraça de nascer e ser educados em familias pouco religiosas. Este foi o inflúxo que o programa da “União dos Jovens” exerceu em mim.

Mas, além do apostolado, compreendi, graças a um bom sacerdote a quem devo imorredoirá gratidão, a necessidade para um jovem que quer fazer um pouco de bem entre os seus companheiros, de aproximar-se frequentemente de Jesus Eucaristico, para haurir d'Ele a força necessária ao exercicio deste apostolado, e para nunca mais se apavorar diante das inúmeras dificuldades que se lhe antepuzerem no caminho.

E ainda devo confessar aqui a Santa Comunhão era recebida por mim uma vez por mês, não com o entusiasmo que experimentei, depois que me fiz socio da “União”.

Daí por diante, comecei a frequentar mais a Santa Comunhão, a alimentar-me do pão dos fortes, de Jesus Eucarístico, até chegar, gradativamente, depois de oito meses, á Comunhão quotidiana. Estas Comunhões estavam em relação íntima com a pureza do coração. E na verdade, quantas vezes antes, me confessava e recebia a Santa Comunhão sem tirar nenhum proveito! As minhas confissões eram sempre iguais, ou regulava como um harmoniosinho que toca sempre a mesma melodia. Quasi nunca uma melhora! Nunca um propósito sério de me emendar e de começar uma nova vida!

A "União Juvenil", repito-o, foi-me verdadeiramente providencial. É um grito de reconhecimento escapa-se de meus lábios para o Senhor, porque compreendi, através das lições que me eram dadas, como a nossa vida não deve ser semelhante á que levam os brutos, mas, ao contrário, deve ser mais elevada e digna de um homem. Daí, por consequencia, convencer-me de que a CONFISSÃO e a COMUNHÃO constituem meio seguro de conservar-me puro, para conservar branca e sempre bela a flôr da inocência.

Com efeito, durante aqueles oito meses que foram de sacrificios e de lutas contínuas, mas coroadas de successo, compreendi como ia sempre melhorando, mediante as confissões bem feitas, a aproximação frequente da Eucaristia. Uma noite de Agosto de 1916, voltando com V. Revma., depois de ter inaugurado uma "União Juvenil", contava-lhe como eu me sentia forte, contente, feliz, tranquilo, desde o dia em que comecei a aproximar-me quotidianamente de Jesus.

Nas minhas Comunhões, pedia sempre que varios dos meus companheiros de escola, na ocasião da Pascoa proxima, se aproximassem da sagrada Mesa, para satisfazer ao preceito pascoal. E lembro-me, com pra-

zer, de um amigo que foi depois ao front e que, em virtude de minhas insistencias, fecundadas pela graça do Senhor, se aproximou e recebeu Jesus, de quem estava afastado por muitos anos.

A Comunhão quotidiana foi-me grande auxilio, quando terminado o estudo. Depois de curtos dias de férias, empreguei-me numa das principais firmas de Milão. Primeiramente fui colocado numa sessão, onde eram empregadas senhoritas, e onde a moral ainda era tida em consideração. Um ambiente, porém, em matéria de religião, frio, até glacial. Pouco depois, tive que mudar de officio e fui mandado, na mesma casa, para o andar terreo, logar onde se ouvia de tudo. Um ambiente pessimo, em que se levava uma vida simplesmente escandalosa. Frequentavam certas companhias, certas casas, onde o homem entra são e sai doente do corpo e da alma.

As conversas eram sempre eivadas da mais noventa licença; contavam até uns aos outros as suas aventuras e suas empresas pouco gloriosas.

Era grande para mim o contraste entre a Comunhão da manhã e o ambiente em que, por força das circunstancias, eu me achava; de manhã, recebia Jesus que vinha, como flôr, ao meu coração puro; durante o dia, estava naquele logar, contínuo atentado á pureza dos meus costumes, á minha mais escrupulosa moralidade.

Mas, não perdi a coragem. Pedi a Nosso Senhor, nas minhas Comunhões, a força para conservar a pureza e professar diante dos colegas a minha fé, sem respeito humano, resando, entrementes, pela conversão dêles.

Nos primeiros dias fiquei um pouco afastado, porque não conhecia nenhum; mas depois começa-

mos a nos conhecer reciprocamente. Os meus colegas compreenderam logo, por minha atitude, que eu não me comprazia absolutamente com suas conversas, e, antes, me mostrava um tanto aborrecido; começaram a dirigir-me algumas perguntas sobre as práticas religiosas e, vendo como eu respondia, puseram-se a cercar-me, a caçoar de mim, não diretamente, compreende-se, mas com chistes e indiretas, verdadeiramente geniais, (em mau sentido).

A minha conduta foi sempre séria, seriedade que não quer dizer inflexibilidade; antes, por todos foi notado como eu era constantemente alegre e jovial, quando se tratava de rir e de brincar, e pelo contrário sério, quando êles diziam indecências, como lhes era costume.

Deste modo, pude cativar a estima do meu chefe da repartição e de todos os meus colegas, que começaram a me respeitar, vendo em mim um jovem que se confessava cristão publicamente e sem corar de tantas insídias e tantos perigos.

Devo unicamente ao Senhor misericordioso ter podido manter, por cinco meses, (porque novamente voltei á antiga repartição), esta conduta sincera, que soube maravilhar os meus colegas. E uma noite, enquanto falava com o chefe, por quem era muito estimado, (tanto que, ao ser chamado á outra repartição, por desejo dos Superiores, êle me declarou o seu desgosto, porque perdia um dos melhores auxiliares), e, respondendo a uma sua pergunta, disse-lhe que quotidianamente fazia a Santa Comunhão. Foi então que um colega, surpreendido, perguntou-me: "Então o snr. se confessa todos os dias para fazer a Comunhão? Explique-se... explique-se"...

Este povo não sabia conceber um moço que fizesse a Comunhão diaria e se confessasse só uma vez

por semana. Não concebia um moço puro, porque dizem, (como varias vezes disseram-me quando discutiam sobre a pureza), que é uma coisa contra a natureza, que eu era uma exceção, porque entre tanta gente que conheciam em Milão e em outras partes da Italia e do estrangeiro, nunca se haviam aproximado de uma pessoa como eu.

"Por Deus! disse-lhes, vêm-me como um animal raro... Pois eu conheço tantos moços que são como eu".

Eis porque dizia como a Santa Comunhão foi-me grande auxílio e conforto, no meio desta lama, que me procurava emporcalhar, e que, porém, não conseguiu sequer me contaminar. E averigui sempre que a vida cristã, seriamente vivida, e a virtude dos anjos, a pureza, trazem a verdadeira alegria. Só aquele que tem fé e a graça de Deus em si, pode difundir a serenidade e a paz; os moços da nossa "União" sempre estão contentes, porque têm e possuem Jesus na Santissima Eucaristia, que é felicidade e alegria para os nossos corações.

Viva Jesus Eucaristico!

Seja-me permitido um breve parentesis, para ilustrar o sentido desta saudação entusiastica dum jovem á Eucaristia.

A "União" não concebeu jamais uma separação entre a propaganda pela pureza e o movimento eucaristico. A Comunhão frequente é um pensamento que se repete, e que se inculca, por todas as formas e em todas as reuniões. O grito de Josué Borsi: "Voltai aos Sacramentos! Voltai aos Sacramentos!" ressoa em todas as nossas salas, em nossas reuniões, nas consciências dos moços. Nós cremos que quando na

barquinha do coração se acha Deus revestido de branco, é fácil vencer a borrasca de lama, que nos tenta devorar.

Dos resultados obtidos mediante a Eucaristia, com relação á pureza, direi alguma coisa no segundo capítulo, ou melhor, dirão os próprios moços. Aqui me cumpria apenas notar que estes são, na maior parte, tão entusiastas da comunhão frequente, semanal e mesmo quotidiana, que até no serviço militar faziam sacrifícios para poder receber, quando lhes era possível, o candido Jesus, que se delicia entre os lírios.

Num dos últimos meses de 1917, a "Ação Juvenil", o órgão da associação, publicava uma carta de um propagandista ao nosso caríssimo Pietro Penighi. Tendo ido a Vigevano para o período de instrução militar, o bom moço vira, em seu alojamento, um crucifixo e saudara-o com todo o afeto de seu coração. Um dia, dois pobres inconcientes tomaram o crucifixo, quebraram-no, vilipendiaram-no. Quando o nosso amigo soube do acontecido, protestou e, com outros soldados que soubera organizar, comprou um novo crucifixo e pendurou-o no mesmo lugar, na presença de todos, gritando: "Ai daquele que tocar nele!" O episodio serviu para despertar varios dos seus companheiros, que dormiam um pouco: uns vinte, dentre eles, começaram a reunir-se nas horas de saída, para pequenas conferencias e discussões e, aos domingos, muitas vezes, a Catedral de Vigevano, ás onze e trinta, via aquele grupo de militares aproximar-se da Comunhão, durante a missa do soldado.

O bom propagandista, que em sua terra comunhava todos os dias, e em Vegevano todos os domingos, conseguira infundir tambem nos outros o entusiasmo pela Eucarestia.

Mais tarde foi para o "front".

Fato identico aconteceu em outros lugares com outros propagandistas militares. Ficavam em jejum, aos domingos, até ás onze e meia ou doze e até mais tarde, para poderem fazer a sua Comunhão. E sabiam atrair ao altar muitos novos amigos, a quem dirigiam uma palavra de renovação espiritual.

Recordo-me muito bem do pequeno fato que o meu amigo aponta na resposta ao questionario. Lembro-me daquela noite de Agosto, quando fomos juntos a uma inauguração e a um grupo de moços tinhamos lançado o grito de nossa fé. E voltavamos com as mais roseas esperanças no porvir feliz daquela nova associação. Um jovem levantára-se e disséra aos outros socios: "Proponho que domingo, todos em grupo, nos aproximemos da Comunhão, para que o Senhor abençoe a nossa "União". E todos tinham aplaudido e prometido.

Pela rua da porta Ticinese, a pé, nos encaminhavamos para a Praça do Duomo. Eram dez e meia da noite. Em nosso coração sorria o ideal. Falávamos sôbre o movimento juvenil, sôbre nossos propósitos, sôbre nossas esperanças.

Aqui e alí viamos pobres mulheres desditosas, criaturas certamente mais infelizes que culpadas.

"Padre Olgiati, disse-me um amigo, ha tempo que eu queria vir á sua casa, para contar-lhe o que faço ha um mês e que pretendo fazer sempre, no futuro".

"Que estás fazendo"?

"Ha um mês comecei a fazer a minha Comunhão quotidiana. Todas as manhãs, antes de ir ao trabalho, vou á igreja e faço a minha Comunhão. Sinto-me feliz. Nunca experimentei tanta alegria como agora. Sinto-me forte, creia!"

Não sei o que respondi. Sei só que aquelas palavras: “Sinto-me forte”, imprimiram-se indelevelmente na minha alma. Foram pronunciadas com tal vigor, que exprimiam todo o ardor, toda energia de um coração puro. Passavamos entre a lama da estrada... mas além, no alto, brilhavam as estrélas...

Uma coisa mais devo acrescentar a este respeito. Encontrei muitos moços que se conservaram sempre puros em sua vida, mas não conheço nenhum dêles que tenha podido conservar o candor do seu coração sem a Comunhão frequente.

Posso assegurar que os moços milanezes que ha muito tempo souberam levantar-se para nunca mais cair, quando por mim interrogados sôbre o fatôr principal da sua vitoria, entre tantos perigos e assaltos, me responderam sempre: “A frequencia da Santa Comunhão”. E note-se que eu falo de varias centenas de jovens puros, que conheço muito bem.

Numa recente resposta ao questionario, um estudante de escola secundaria descreveu-me a confissão e a Comunhão feitas na primeira sexta-feira de um mês de junho, com o propósito firme de não mais ceder ao assalto.

“Poucas semanas depois, continúa êle, um bom sacerdote me obrigou á Comunhão quotidiana. No primeiro momento, fiquei perturbado; porém, não obstante, aceitei. As Comunhões foram para mim o baluarte contra as tentações e Jesus ficou sempre o vencedor. Hoje, já ha mais de três anos, conservo imaculada a bandeira da minha pureza”.

Um outro estudante, tambem de escola secundaria, que caiu só uma vez na vida, pinta o ambien-

te da sua escola, aponta as conversas indecentes de seus companheiros...

“Um dêles, joven inteligentissimo, mas perdido, e que faz praça de seu clássico proceder pagão, em certa manhã, em que eu ia á escola, depois de haver recebido a santa Comunhão, saiu-se com frases vulgares e inconvenientes. Eu me sinto ofendido; disse-lhe que tinha ainda Jesus no meu coração; fiz-lhe compreender quanto mal me faziam as suas palavras. Ele me respondeu que eu era intransigente demais, e lhe retorqui que me sentia bem feliz de o sêr.”

A Hostia branca foi e será sempre a fonte da pureza.

IV

Desde pequeno, (passemos agora a palavra ao rapazinho), estreitára amizade com um rapaz mais velho do que eu alguns anos, que morava na mesma casa. E esta circumstancia fez com que os nossos espiritos se fundissem reciprocamente, a ponto de se poder dizer que eram dois corpos numa só alma. O rapaz era de bôa indole, de carater muito simpático; mas, por culpa de seus pais, estava muito afastado da Igreja. Ele era para mim a unica distração, e minhas horas livres passava-as com êle, castelando sôbre o nosso futuro. Um dia, porém, comecei a perceber a lenta, mas continua transformação que se dava na alma do amigo. A sutil ironia, que se ocultava sob sua ingenuidade, quando falava de religião, suas palavras um pouco livres, seu carater que se tornava áspero, eram sinais certos de que o afastamento da Igreja e a frequencia dos máus companheiros começavam a sua obra de-

letéria. No começo não fiz caso, depois deixei correr e o sutil veneno inoculou-se na minha alma. Entretanto, de palavras obscuras passou êle a falar-me com palavras claras; e das palavras passou aos fatos. Em suma, eu corria rapidamente no caminho da perdição.

Mamãi percebeu e pediu-me que abandonasse aquele máu amigo, mas inutilmente; e nem as exortações do meu confessor me serviram. Nesta cega resistência ao bem, passei um longo ano de culpas e de quedas.

Estavamos no fim de 1911, quando prometi a Deus afastar-me completamente daquele reptil venenoso. Todavia nos primeiros meses de 1912, eu não tomei pé em nada. Foi só no fim deste ano, que me senti revigorado e pronto para um esforço supremo. De fato, num dia de Dezembro, depois de ter recebido Jesus na comunhão, decidí, para o dia seguinte, o rompimento completo daquela amizade. De manhã levantei-me com o firme proposito de manter a promessa; e, depois de uma oração fervorosa, saí de casa. Descendo a escada, encontrei o amigo. O meu coração assustou-se; na minha mente passavam numerosos os pensamentos mais irconciliáveis. Êle me cumprimentou com o costumado sorriso. Era o momento! Sentí em mim uma força superior e passei além, sem responder. A amizade estava desfeita. Atrás de mim, ressoou uma sarcástica gargalhada; o meu coração entoava o cantico da vitória. Depois deste dia feliz, não obstante os reiterados ataques do meu ex-amigo, senti uma rápida melhora, e, durante um ano, com a ginástica da vontade, com o aproximar-me mensalmente (e, quando podia ainda mais vezes), do banquete Eucarístico, e com uma rapida distração nos

momentos do perigo, como o emergir-me num problema difficil, na leitura de um livro, consegui conservar-me puro.

Mas, no principio de 1914, recai e continuei neste estado até 1916, quando se devia assinalar em minha vida uma nova e mais tremenda derrota, seguida duma nova brevissima vitória.

Como de costume, eu ia passar as férias no campo e ao ar livre e restaurador das montanhas: aí devia achar um grave perigo de ruina para a minha alma.

Uma comitiva muito leviana de moços e de mocinhas compunha a unica companhia das minhas distrações; e cêdo percebi que liberdade ela me permitia. Assim é que se tinham sem pêjo conversas más e zombavam da religião. Eu, infelizmente, a acompanhei; antes, ousei pôr diante de mim um véu que cobrisse as minhas quedas, dizendo: "Frequentarei esta companhia e procurarei, com meu exemplo, atraí-la ao bem. Oh! que cegueira! Acreditava por ventura que, pondo uma bôa maçã entre maçãs podres, a maçã bôa curasse as outras? Em breve achei-me reduzido ao estado de outrora. Fraca, fraquissima era ainda a fôrça da minha alma, e poderosos os ataques, e recai inda uma vez...

Quando finalmente abrí os olhos á verdade e tirei aquele véu de hipocrisia que os cobria, senti-me enojado desta nova queda; e com a alma abatida, corri a Deus, e na paz da igrejinha da região, eu me sentia como que fechado numa fortaleza, através da qual o éco do mundo não podia chegar.

Depois de longa meditação, decidí rehabilitar-me aos olhos de Deus, aproximando-me, no dia seguinte, da sagrada Mesa; e realmente, na manhã

seguinte, depois de me ter confessado, recebi Jesus no meu coração e lhe prometi não cair mais. Saindo da igreja, encontrei-me, face a face, com a fatal companhia. Uma murmuração e estalos de gargalhadas me receberam. Não liguei importancia; só quando dados poucos passos, um deles aproximou-se de mim e disse-me: "Venha, vamos dar um passeio". Não soube conter-me e, levantando altivamente a cabeça, soube sacudir, com enérgicas palavras, a cadeia que me tinha escravizado. Deus estava no meu coração; tinha vencido. E afastei-me.

Mas fui presunçoso demais; porque, antes mesmo de deixar o campo, caí novamente. Voltando a Milão, perseverei na vida de impureza e quasi um ano andei inutilmente tentando a minha reabilitação.

O relatório continúa descrevendo a eficácia de uma confissão geral, feita com o proposito firme de iniciar uma vida imaculada e de "dar de novo ao lírio murcho da pureza o seu candor e perfume ideal".

Uma confissão geral foi para muitos a aurora de um novo dia, como direi depois, citando muitas experiências dos moços. Para alguns, de certo, o pensamento de dever confessar todos os pecados da vida inteira é, a principio, terrível e traz á sua alma uma agitação grande e uma tristeza profunda. Mas depois uma alegria imensa canta na consciência purificada. Parece renascer. O passado fica sepultado. Abre-se uma primeira página de um novo livro.

O meu amigo termina precisamente acenando para suas vitórias depois da confissão geral, para sua felicidade, para sua alma que "nada numa torrente de goso celeste", e para as palavras dirigidas

pelo sacerdote e por êle consideradas como um programa: "Querido filho, até agora, também tu coroaste a frente de Jesus com espinhos. De agora em diante, a coroará com rosas e lírios. Serão as rosas do teu apostolado e os lírios da tua pureza".

V

Uma resposta impressionará talvez a alma de um amigo, e é enviada por um propagandista que sempre conservou em seu coração nobre e generoso a flôr da pureza. Parece-me que ela contém um pensamento importante, capaz de exercer forte influência sobre os jovens de uma certa idade:

"Muitas vezes aconteceu-me, num desses momentos de desolação, de desanimo completo, que vêm perturbar a minha alma de moço, apenas desabrochada á vida, perturbar-me de muito perto; procurar em mim mesmo, com ardôr de desesperação, o segredo recôndito que me fez sofrer naquele momento, e vejo em mim uma luta terrível. empenhada entre as fibras do meu corpo que vibram num ardôr de paixão violenta, a minha alma que se nega, que quer vencer em nome do belo e do bom. São momentos terríveis. São espantosas estas crises. Como é fraca a carne de um joven, que de Deus recebeu uma alma pronta para sentir com veemência o bem, mas também o mal!

Por felicidade minha, cresci com o sentimento bom, que cercou o coração de principios de fé e de idéal; na família e no circulo, a que desde pequeno eu pertenco, infundiu-se-me na alma, gota a gota, o nectar sublime de nossa santa religião e agora sinto que todo este nectar se infiltrou no meu ser, criando uma fôrça de resistência a que devo recorrer,

porque nas minhas forças não tenho e nem posso ter confiança.

Sou moço, cheio de vida, e esta vida manifesta-se-me dum modo tão forte que, se na luta não tivesse o auxilio divino, certamente cairia.

Até hoje sempre venci a mim mesmo, por aquelle idéal de pureza que me canta no coração o seu hino de luz; mas o leão que rugiu, tenta esmagar-me e deixa sulcos ensanguentados na minha alma. Venço-me, mas sinto-me abrazado nesta chama impura, que tento apagar, que dominei, mas que sempre ressurge.

E quantas vezes me revolto contra mim mesmo, porque me parece deixá-la atuar no pensamento, porque percebo que agora estou condenado e ela se torna tão forte.

Tive, algumas vezes, um raio de luz, que julgava verdadeiro: fugir de todo aquelle complexo de ocasiões, de amigos, de livros, de conversas, de páginas que vinham sem cessar alimentar o fogo da paixão; retirar-me para longe, num claustro, onde um idéal de oração e de estudo domaria a fera má.

Mas não é este o caminho que Deus me assinalou. De dois anos para cá, uma nova luz esclareceu a minha vida; a ela agora peço o auxilio para me manter no alto. Sinto o coração transbordante de afetos, vejo o meu futuro, vejo o que Deus quer de mim!

Eu devo ser puro, porque Deus m'o manda, apontando-me o idéal que devo contemplar e cuja beleza infável experimento agora.

Dia virá em que uma centelha de amor fará palpitar o meu por um outro coração joven e puro. A este coração Deus quer que eu consagre as lutas da minha juventude; para elle, que será puro e belo,

devo então me conservar. O amor cristão, o amor verdadeiro, não é feito de paixões momentaneas e de simpatias levianas; um sentimento profundo, enraizado, pronto para o sacrificio por quem lhe corresponde: eis o idéal da minha vida nesta terra, a elle me abraço, quando sinto que vou cair; é tão belo e puro, é único, mandado por Deus.

Parece-me que se fala muito pouco, com toda a sinceridade e franqueza sobre a familia, que nós, moços, um dia teremos, e pela qual gastaremos, alegres, as belas energias que soubermos conservar; entretanto, creio que, na luta pela pureza, este pensamento do apostolado familiar, como a mim dá tanto auxilio, tambem o daria a todos os jovens que sabem compreender esse idéal.

Quantas vezes, quando a tempestade tenta manchar o lirio que eu quero e devo conservar immaculado, o meu pensamento vóa longe e vejo o dia feliz; quando, com o coração palpitante de amor verdadeiro, cristão, me dirigindo a uma joven pura, que terei escolhido por companheira inseparavel das minhas alegrias e das minhas dôres, poderei dizer-lhe, num impeto de sincero orgulho: "Vês? eis que te ofereço o meu coração; elle é puro, nenhum sentimento vulgar o contaminou; mantive-o assim por ti, esposa minha predileta, por aquelle idéal de amor que Deus abençôa, e em o qual nos devemos achar unidos para os fins que Elle nos assinala.

Quando penso na ternura deste momento sublime, tudo que em mim ha de máu e de pequeno desaparece; sinto-me invadido de uma nova chama de idéal; sou Vencedor.

E minha vitória faz-me alegre como uma criança, porque sinto toda a sua serena beleza, uma emoção gentil restaurando a alma entristecida pela luta.

Existem moços que não sabem compreender estes belos ideais: estes não têm fé, não ouvem o canto deste hino, nem podem conceber cousas belas pelas quais é felicidade o sacrificar-se...

Estes jovens, que um dia deverão formar uma família, levar-lhe-ão o coração corrompido num corpo exausto; e como poderão ser felizes, se suas almas, afeitas á embriaguez da fumaça dos prazeres, não podem mais conceber um amor verdadeiro e puro? Será uma traição que êles levarão a efeito, desde que não poderão cumprir sua missão na família. E com que direito exigirão dos seus filhos, que cresçam bons e puros?

Quando penso que tantos moços vivem assim na baixaza, sinto-me na obrigação de agradecer Aquele que me dá fôrça na luta santa pela minha pureza; bendigo estes belos ideais, e rogo a Deus que êles possam fazer com que ache o caminho o joven que o perdeu.

Que a fé, que nas nossas "Uniões" nos é infundida e conservada com cuidado paterno, sempre me auxilie como me auxiliou nos momentos difíceis que passei nas escolas e na vida militar, e faça com que eu chegue ao fim, sem envergonhar-me de mim mesmo, numa santa alegria, tão conforme com o ideal cristão!"

VI

"Respondendo ao questionario que me foi enviado, assim fala um estudante: — "Não acho oportuno escravizar-me em tudo ás perguntas, mas prefiro trazer o fruto da minha experiência. Antes de tudo, acho absurda a proposição de alguns que pen-

sam se manter puros, sem a fé e a sua prática. Só o pensamento de Deus pode impedir-me de fazer o mal, e somente pelo amor que lhe tenho, me é possível ter fôrça bastante para a vitória sôbre mim mesmo. Não sou um apático!

Devo, entretanto, confessar: tive e tenho ainda lutas verdadeiramente fortes para poder manter-me puro; e asseguro que fui obrigado a empregar esforços ingentes para vencer a mim mesmo e resistir ao ataque obstinado das minhas paixões. Foram lutas terríveis, confesso-o, em que eram absorvidas todas as minhas fôrças, a ponto de se acharem quasi exgotadas, após o combate; depois da vitória, porém, ficou-me sempre uma grande alegria. Sinto-me contente, sou feliz quando, pela manhã, ao despertar, posso dizer: Sou ainda o moço de antes; sou ainda puro!

E vencí, o mais das vezes, graças a duas cousas: a prática dos Sacramentos e uma enérgica ginástica da vontade. Dessas cousas, porém, não se pode separar a prática assídua de um estudo intenso e indefesso, de um grande entusiasmo pelo movimento juvenil: ocupações preciosísimas e muito uteis para a prática da pureza, porque absorvem e utilizam todas as fôrças crescentes dum sêr; fôrças que, abandonadas a si mesmas, seria certamente empregadas no mal. Digo isto, porque desde o momento em que me dediquei a semelhantes obras, tive tentações muito menos frequentes e mais fracas.

Um outro fato contribuiu para fazer-me victorioso na luta contra as minhas paixões. Foi um curso de "Exercícios Espirituais". Apenas entrei naquella casa, testemunha de muitas consciências reerguidas, propuz-me solenemente fixar aquele dia

como o princípio de uma nova época para mim. As práticas e as reflexões feitas longe do barulho do mundo, fizeram-me entrar em mim mesmo; mostraram-me o mal que no passado tinha cometido algumas vezes; e depois de um arrependimento sincero e uma confissão geral, senti-me mais forte e renovado.

Concluo dizendo que, para um jovem, não é cousa impossível conservar-se puro, contanto que á boa vontade se una a fé mais sincera e sua prática escrupulosa, conjugada a contínuas occupaões, que constituem o emprêgo mais util de nossas fôrças.

VII

“Educado na fé — assim responde um outro jovem — cercado por um ambiente cheio de serenidade, de religião, de honestidade, crescêra até á idade de onze anos, mais ou menos, sem que a sombra de um pensamento impuro viesse turvar o céu de minh'alma e embaciar a inocencia do meu coração. Um dia, por acaso, escutei um dialogo que dois dos meus companheiros de escola, (frequentava então a segunda classe ginasial), desenvolviam maliciosamente entre si. Não conseguí de modo algum compreendê-los; guardei, porém, na memoria algumas palavras obscuras, que, voltando á casa, disse a meus pais, a quem ingenuamente tudo contei para ter a explicação. Não me lembro o que me responderam; sei, porém, que não conseguiram satisfazer á minha natural curiosidade e compreendi vagamente, pelo seu modo atrapalhado e pela preocupação em mudar de assunto, que não me diziam a verdade, que me enganavam. No dia seguinte, apressei-me em pedir a significação daquele diálogo aos meus dois compa-

nheiros, os quais, rindo-se da minha simplicidade, não só me deram toda a explicação pedida, como me iniciaram, infelizmente, nos segredos até ali desconhecidos. Daquele dia em diante, fui joguete de meus maus amigos, que me ensinaram tudo quanto há de baixo e vergonhoso, que me descobriram tudo quanto ha de deshonesto e de torpe, e me foram excitando com leituras pornográficas.

A fé em que tinha sido amorosamente educado, manteve, no começo, um certo poder e uma certa benéfica influência sobre mim. A luta era tremenda; pela vergonha e pela perturbação aproximava-me raramente, e com menor confiança e sinceridade, do confessor, até que chegou o completo afastamento e a revolta. Tinha, com cuidado, escondidas estas minhas condições inferiores, sabendo que causaria á minha mãe uma dôr imensa, e, por ela, fingia rezar, ir á Missa, aproximava-me algumas vezes do confessor, porém de má vontade, sem convicção e, por isso, sem fruto.

Tinha então 15 anos, mas já pensava em libertar-me do meu passado religioso e católico, ao meu parecer, estendia tétrico véu de tristeza sôbre a vida e a juventude; maldizia um vasio céu de tísicas virtudes, amava a terra, fecunda de flôres e alegrias; insultava a humanidade, a natureza, o amor.

E por isto, o espirito inclinava-se para todas as revoltas científicas, sociais e politicas. Sonhava com recolher o grito de dôr da plebe, de que senhores e padres tinham escarnecido, com o combater por uma idéa fulgente de injustiça e de liberdade, lia Voctor Hugo e Carducci, Stechetti e Turati, a História da Revolução Francesa e da Comuna; apaixonava-me pelos debates politicos e pelas grèves; corria ás conferencias de Universidade popular, aos comi-

cios. Orientava-me para o socialismo! Era uma orientação não feita de raciocínio intelectual, mas uma atração sentimental. Eram os sentidos que me arrastavam para aquelas doutrinas, nas quais se permitia a máxima licença. Porém acreditava ainda em Deus, amava a pátria, odiava a banalidade e a vulgaridade, tanto que o Stechotti sempre me repugnava; considerava-me um idealista. Talvez, por todo este complexo de cousas, talvez por aquele mínimo de religiosidade que ainda conservava e que se reduzia ás puras práticas exteriores, por amor dos meus pais, e talvez porque Deus não o permitiu, parei ás bordas do abismo, á beira de certos sumidouros escuros e perniciosos, como a juventude emaranhada, cá e se embrutece.

Tinha a ilusão de viver a vida, de gosar a alegria, mas não estava contente, nem tranquilo. De vez em quando, uma amargura, uma angústia inexplicável assaltava-me e atormentava-me; um desejo indeterminado e vago turbava-me como o tormento de uma sensação insatisfeita; sentia muitas vezes o aguilhão do remorso que me pungia, e tornei-me triste e pessimista.

Naquele ano havia-se aberto no meu bairro uma associação católica, e minha mãe, contra a minha vontade, muitas vezes energicamente expressa, e sem que eu o soubesse, inscreveu-me na nova sociedade. Um meu companheiro, socio do círculo, insistiu para que eu o frequentasse e, depois de longa resistência, consenti nisso, para lá passar algumas horas e distrair-me.

Não desenvolvi nenhuma atividade; apenas desejoso de aumentar os meus conhecimentos, interessei-me pelas conferencias que periodicamente se realizavam. Um jovem e ótimo sacerdote falava-me dos

problemas do espirito, do ideal cristão, da alegria cristã, da pureza. Deu-me a lêr bons livros, obrigou-me a fazer alguma cousa para a associação. Comecei, sem perceber, a refletir, a pensar, a examinar, e, com relutancia, a concluir. Inflamei-me, pouco a pouco, dos ideais cristãos; desejei tornar-me propagandista, e compreendi que se não podia conciliar a palavra bôa com o coração imundo, que seria desleal hipocrisia fazer-me propagador da idéa cristã e não praticá-la completamente. Enfim aproximei-me, com senso de libertação e alívio, do tribunal da penitencia e da santa Comunhão.

Não me livreí completamente de uma vez. Cai ainda; nunca mais, porém, sem remorso, sem arrependimento. Cedia, sendo ainda muito fraco, á tentação; mas, desde então, compreendia que pecava, sentia forte e viva a aspiração de remir-me, de tornar-me puro, de ressurgir.

E a ressurreição lentamente veiu, embora eu não saiba dizer precisamente como. Quem jamais sabe de que modo a semente amadurece no seio da terra e por que caminhos a graça de Deus chega aos corações?

Lutei e luto ainda tenazmente; mas nutro a esperança de que a última queda, a última derrota já esteja longe, no passado, que não volta mais.

VIII

Seria util — se houvesse logar para isso — relatar integralmente muitas respostas ao questionário, mesmo porque algumas vezes revelam um caráter especial.

Um moço, por exemplo, conta o modo por que poudo voltar, "pouco a pouco, ao reto caminho, á

estrada real, onde se acham todos os jovens bons, todos os moços de coração puro”.

“Direi apenas isto, — escreve êle — para que possa fazer uma idéa exata da minha vida. Aos oito anos, praticava cousas que hoje me fazem horror. Recomecei, perto dos dez anos, quando acabado o curso primario entrei na escola técnica. Estas faltas cometia sozinho, ou com amigos, cousas que, escrevendo, agora, me fazem corar de vergonha, porque compreendo todo mal que fazia. E se devesse voltar! Ia á santa missa e algumas vezes no ano á santa Comunhão! Uma vez revoltei-me contra minha mãe, que me queria obrigar a fazer a Comunhão. Pois bem, asseguro-lhe que com tão pouca prática religiosa não podia viver com o coração puro. Presentemente, que compreendo a vida e vivo como bom cristão, que frequento a Comunhão, semanalmente, que sou socio da “União de Jovens Católicos”, que me aproximo de tantas pessoas boas, acho em mim uma melhora extraordinaria. Estou agora confiante de poder desfraldar a nossa bela bandeira da fé e da pureza”.

E aqui se demora sôbre cinco mêses do ano anterior, (de Junho a Outubro), que constituiram para êle o periodo de transição. As quedas vêm sempre mais raras. Exercitava-se na ginástica da vontade, “não fixando a vista, por exemplo, sôbre uma pessoa, não parando diante dos quiosques, etc. No momento da tentação, seguia este método “facilimo”: “oração á Virgem e ao Senhor, depois cantar, bradar, rir; e, se achava o trabalho, o interesse por êle, mais ou menos intenso. Quando se aproximavam dêle os seus antigos companheiros de pecado, observava-lhes: “Parece-vos bem tal teôr de vida? Não vêdes que, pouco a pouco, vos tornais sempre

mais fracos?... Pensais no “após túmulo”, que vos espera?... E, disse-me uma cousa: depois de cometer ato tão impuro, ficais contentes, alegres? Um amigo meu, ainda meu amigo, porque estou trabalhando para sua conversão, respondeu-me: “Depois, arrependo-me”... “E reergueu-se; já ha anos, nem uma queda. Desde então, voltou á estrada real”. Ninguem, pois, deve espantar-se e desesperar, se no seu passado tem que chorar hábitos deploraveis e inveterados. E’ sempre possível ressurgir. Uma das poucas cousas verdadeiras que disse Diderot em sua vida, foi ao seu secretário, quando a uma ordem opunha este a estúpida resposta: “Impossível”, Diderot prontamente replicava: “Ne dites pas cetle bête d’un mot”. E tinha razão.

IX

“Não sei procurar a expressão própria para descrever o que operou em mim a “União de Jovens”. Mas de que valeria isto? O hino melhor para esta obra fecunda e de apostolado, canta a pureza do meu coração que, através das lutas mais ásperas, soube reconquistar o perfume suave do lirio.

Cresci em Milão, entre as borrascosas tempestades malsãs desta Cidade, pagã de fato, senão de nome, na qual a imoralidade impera sem limites, sem confins, escura e ameaçadora como um turbilhão de guerra!

Em minha familia e entre os meus parentes, com exceção da minha boa mãe, achei um ambiente senão irreligioso, ao menos indiferente, onde a moral não era rigidamente observada, especialmente com respeito ás conversas. E como podia a minh’alma,

tumadas conferências de cultura, que se realizavam na União. Foi a última! Naquela noite, não tive coragem de levantar os olhos; um nó apertava-me a garganta, todo o mal cometido assaltava-me a alma e sufocava-a sob o ímpeto do desalento e da amargura. Corri para casa; aí as lágrimas me deram paz; e daí por diante, não devia mais acontecer isto; eu podia levantar alto a fronte, sem medo de corar. O apostolado decididamente serviu-me para pôr uma pedra sobre o passado que, sem isto, me faria sempre corar. Apontou-me a vida nova, que eu nunca mais abandonaria. Cada batalha seria para mim uma vitória!

E meus companheiros?

Muitos dêles tinham descido a um baixissimo nível moral. Lembro-me de um que por causa da sua vida desregrada, adoeceu. Fui visitá-lo. Era mesmo um jovem que jazia naquele leito? O traço de vivacidade tinha desaparecido; nem ao menos os olhos encravados no fundo das órbitas, cercadas de um negro lívido, conservavam um raio sequer característico de juventude. Tudo parecia apagado naquele amigo, que se achava no limiar da sepultura.

Dirigi-me algumas palavras e depois falou-me sobre a sua doença. Fui constrangido a ouvir de seus proprios lábios, (estremeço ainda ao pensar nisto), que o seu maior desgosto era não poder mais gosar a vida imoral.

— Pois então, no estado em que te achas, interrompí, — ainda dizes estas cousas?

— Quero gosar o impossível, respondeu-me, inflamando-se-lhe o rosto, quero beber ainda a última gota deste cálice dourado. Deixei-o com espanto e com o desalento amargo no coração; um agradecimento espontaneo subia-me aos labios para aquele

Deus que, em tempo e com a sua misericordia, me tinha atraído á salvação!

E quando daquele amigo afogado na lama não vi mais senão o feretro, subí com as azas da mente ao espasmo atroz, a lenta consumação daquele infeliz; seguindo o seu ataúde, compreendí, cada vez mais, a beleza fascinadora de uma mocidade pura e casta. Do meu coração amargurado elevou-se uma oração fêrvida e devota, por aqueles que tinham passado como tristes comêtas pelo céu da vida, e tambem por mim, que, por um nada, me teria apagado como êles; refletindo um pouco sobre meu íntimo moral abatido, percebi quanto devia á graça divina.

Hoje o meu coração, esta fragil barquinha lançada no mar, sente-se tranquila. Venham tempestades e borrascas. Jesus vigia e protege”.

X

E agora — depois de referir trechos de vidas — darei tópicos de outros relatorios.

Grande parte dos moços descrevem a sua história e suas proprias experiencias pessoais, examinando, uma por uma, as perguntas que lhes foram dirigidas.

Não será, por isto, inutil referir integralmente, a resposta dum jovem, redigida segundo a ordem dos quesitos:

1 — “Sem dúvida, o discutir com os companheiros sobre a pureza e sobre outras convenções morais, é, ao meu vêr, utilissimo para uma pessoa que tenha as idéas bem claras e bem formadas. Mas a discussão sobre a pureza, com máus companheiros, feita sobretudo por quem ainda não seja completamente senhor de si mesmo e das proprias idéas, pode

rôsto: senti a embriaguês e a volúpia que me envolviam numa rêde inextrincavel e infame; senti que suas palavras me feriam a face e o coração; e em vão tentei resistir; não o podia e não o sabia!

Não podia e não sabia resistir, disse! E era verdade! Não tinha uma preparação suficiente; era uma pobre sentinela avançada, sem defesa alguma, que perecia miseravelmente! Em vão tentava fugir. Novos laços enrolavam-me e eu caía...

Algumas vezes, quando percebia o sofrimento de minha alma juvenil, corria ao nosso Deus; e aos pés da Virgem das Dôres, abria o meu coração com propósitos de arrependimento! Sentia a beleza de uma vida pura e intemerata; mas um desanimo invencível invadia-me! Já me via perdido, esmagado, julgava que não me pudesse mais levantar!

Quanto me era fatal este comatoso estado de alma! Esta íntima desesperação, contínua, muitas vezes era causa de novos pensamentos e lutas novas, terríveis e fatais. Enfim, eu tinha perdido toda esperança; obscuridade densa, trevas impenetráveis, cercavam-me por todos os lados; pobre cego, sem guia, eu errava na escuridão do vicio e da paixão.

O Senhor, porém, tinha decidido diversamente; ao pobre náufrago, que se agitava debalde entre as ondas e os vagalhões do mar, foi estendida mão amiga, foi lançado um cabo de salvação!

Ha mais de um mês que a minha alma fugia da luz da vida e do ideal; em breve esqueceria ambas!

Pelo contrário, não. Estava salvo. A "União Juvenil" recebera-me nas suas fileiras: Eu debil, sem resistência e sem defeza, ouvi repetidamente que me devia tornar soldado forte e valoroso.

A mudança foi rápida, embora me sentisse desesperado e sem recursos. Nunca, porém, cheguei ao

triste nível de muitos companheiros desgraçados; tinha sabido ficar longe de certos lugares que me inspiravam instintiva repugnancia; tinha caído, sim, por que negá-lo? — mas não excessivamente; teria caído, mas agora, depois de um certo perigo mal-são e triste, a estrada antiga tornava a abrir-se diante de mim. Na corrida teria tropeçado; mas apesar de todos os obstáculos, levantar-me-ia mais ardente e mais corajoso.

Sacerdotes a quem devo tributar o meu reconhecimento, tinham-me aberto os braços, me tinham compreendido, tinham feito entender como e por que se vive pelo ideal. O ambiente novo em que eu entrava fascinava-me; estava pronunciada a palavra da ressurreição!

Nos dias que se seguiram, compreendi toda a luz de misericórdia, de caridade, de amor, de sacrificio, que descia da cruz. Através da palavra de meus sacerdotes, compreendi a beleza do apostolado, da pureza, do ideal. Não era de admirar; tratava-se da fé que, com a sua fascinação divina, me atraía a si; era a igreja que me enumerava entre os seus defensores. E o pensamento do apostolado, que deveria exercitar como propagandista da nossa idéa no meio de tantas fileiras juvenis, era-me válido auxílio, era resistência.

Como poderia realizar esta obra entre tantos companheiros, se meu coração se sentisse cortaminado do sôpro horrível das paixões satisfeitas, se meu olhar não pudesse suportar impávido o olhar dos outros, se sôbre minha fronte se pudesse lêr toda a infâmia, de que eu estivesse coberto? Não. Quantas vezes este pensamento me deteve nas bordas do abismo fatal! Uma só vez, não nego, embora core ao recordá-lo, dirigí-me, depois de uma queda, ás cos-

ainda creança, deixar de sentir o influxo deste obstinado cepticismo?

Somente quando me aproximei da primeira Comunhão, senti um fervor novo invadir todo o meu ser; senti-me bom; e ainda adolescente, compreendi, como num sonho, que para a pureza é necessário lutar com ardor e com fôrça.

Mas de verdade, se até então não tinha caído, sim, porque corar e negar? devia cair bem cedo?

Numa escola técnica encontrei a pedra em que devia tropeçar; os companheiros, as conversas e os pensamentos maus, tudo formou uma avalanche que me arrastou para baixo, para o fundo do abismo terrível e inexorável!

Oh! a vergonha da primeira queda, aquele ferro incandescente que me queimava a alma, que me fazia baixar a vista diante do olhar materno tão penetrante! Então não compreendia ainda todo o mal... Aquelê estado d'alma insólito não era por mim compreendido, não avaliava bem o perigo. Assim é que, depois das quedas, veio a frieza religiosa, vieram as más conversas, as más companhias, as más leituras!

Recordo-me ainda; um companheiro do segundo curso técnico meteu-me nas mãos um certo livro "Aqueles senhoras", de Notori; eu li, li quasi inconscientemente aquelas páginas pútridas e sujas; senti que todos os miasmas daquelas cenas me envolviam numa atmosfera pestífera; corava a cada momento e a cada frase; tive o desespero no coração, não conhecia mais a paz! A cada pensamento de esmorecimento seguia uma tentação, um assalto contra o qual me achava sem fôrça; não podia combater; inutil era o meu esforço; não podia combater e ainda uma vez caí...

Mas o olhar de minha mãe vigiava! Ela lia tudo nos meus olhos; tudo prescrutava no mais íntimo d'alma; compreendi que, naquele momento, devia ser a decisão da minha vida; que o resultado daquela crise daria orientação boa ou pessima ao meu porvir de moço!

Com o tato próprio do coração materno, mandou-me á Comunhão; mas não impôs; devia ser uma prova do meu afeto para com ela; incitou-me menos com uma ordem de que com o sentimento de amor filial! Venceu-me; e aquela confissão e aquela Comunhão, inspirados pelo anjo materno, salvaram-me.

Saindo do templo, sentia que meu coração de menino entoava o belo e grande hino de Fé; sentia que no meu olhar tornava a cintilar o fogo da pureza e da paz; da minha fronte tinham desaparecido todos os tenebrosos traços do mêdo! Via diante de mim abrir-se amplo e espaçoso, embora não livre de perigos, o caminho pelo qual devia enveredar; no fundo d'alma uma luz fulgente, um astro cintilante convidava-me á luta, incitava-me á empreza, sorria-me, repetia-me a palavra do amor e da esperança.

Quando entrei no Instituto Técnico, não soube vencer o mêdo que me acometeu e me perturbou! Dizem que na escola se educa não só a mente, mas tambem o coração; mas, eu, pelo contrário, nunca verifiquei isto!

A imoralidade mais impudente, mais imunda, sufocava todos os sentimentos!

Achei companheiros que não entendiam o ideal duma vida moderada e casta; e com certas conversas, figuras e livros maus, assediaram-me de toda parte. Eu senti o halito mortal que me crestava o

tambem ser, segundo minha fraca opinião, perigosa, porque é facil que aquele que quer converter os outros, pode, por esses, ser pervertido.

E' sempre bom, porém, quando se apresenta a ocasião, lançar-se uma palavra de entusiasmo e de ideal, a ponto de afirmar a nobreza de nossa alma e de elevar, ainda por um instante, a alma de quem nos escuta.

2 — Que um jovem sem fé possa conservar-se puro, não o admito, porque disto tive o mais claro exemplo nos meus companheiros de escola. Encontrei, entretanto, um que, embora não tivesse fé, sabia de certo modo governar a si mesmo. Quando, por exemplo, estava perto dos exames e a sua mente devia estar lúcida para superar com honra tais provas, êle era capaz, (conforme afirma), de manter-se puro, enquanto nos outros periodos do ano dava-se ao vicio.

Não admitido que o moço sem fé possa conservar-se puro por esta razão: o jovem crente sente a beleza do ideal e espera numa vida eterna, que será a recompensa de seus sacrificios; pelo contrário, um jovem que não crê, não tem razão alguma para renunciar ao prazer.

3 — Resposta á terceira pergunta vou procurar na minha vida ha pouco tempo atrás. Educado pelos meus pais nos bons principios da religião, ia á igreja aos domingos para ouvir a Missa, e, mais, aproximava-me, uma vez ao mês, da Comunhão. Como vê, nada de censuravel. O mal, porém, estava nisto que eu me dirigia á confissão, arrependia-me e fazia propósitos, mas depois, talvez um dia depois, voltava, como no dia anterior, e ficava até semanas com o pecado mortal na alma. Da Comunhão aproximava-me, mas sem nenhum desêjo dela; por outro lado,

não compreendia a beleza deste ato. O ideal era para mim uma palavra sem significação.

E por que era tão frio? Por ventura em mim não existiam bons sentimentos? Sim, eu os tinha.

E' por que não tinha encontrado quem os desenterrassem, e abrisse ao meu coração uma vida nova.

Na escola, o professor era pessimo, (principalmente em materia de pureza); amigos ruins não me faltavam e eu experimentava, dentro de mim, um vacuo que não saberia descrever.

Quando um belo dia um meu companheiro me fala com grande entusiasmo da "União de Jovens", recémfundada na sua paróquia, e me mostra os esquemas de algumas conferências que ouvira, eu, que ha muito necessitava de aprender mais do que sabia, tomei todas as informações, porque tambem queria comparecer para ouvir tais conferências. Quando, no domingo seguinte, vejo comparecer á minha paróquia João Rossi, acompanhado por um moço: Eles vieram instalar uma nova série de conferencias. Eu logo tomei parte sem hesitar um instante, e no domingo seguinte, (o último de outubro), entrei pela primeira vez na sala da "União de Jovens" no Arcebispado, enquanto S. Excia. Reverendissima estava desenvolvendo a primeira parte do tẽma sôbre a pureza.

Na noite seguinte, quasi não dormi; continuei a pensar na "União de Jovens", para a qual estava para entrar, e então pela primeira vez me pareceram monstruosas as minhas culpas e pensei em mudar de vida.

Mas diz o proverbio: "O mal aprende-se facilmente, enquanto que o bem dá trabalho para aprender". E eu, que até então não conhecêra o que queria dizer ideal, não podia certamente vencer a mim

mesmo. Devo confessá-lo: os primeiros tempos foram de desastrosas quedas, as quais me tiraram até a esperança de poder dizer um dia: Sou senhor de mim mesmo”.

Todavia, aproximando-me com amor e sempre mais frequentemente do Santissimo Sacramento, soube vencer, senão completamente, pelo menos em parte, as minhas paixões; e embora ainda hoje deva lamentar alguma queda, conheço que significa a pureza do jovem.

O golpe da graça veio-me do seu questionario. A leitura dêle fez-me uma fortissima impressão, porque senti ainda mais forte em mim a necessidade de vencer as paixões. E então, para iniciar uma vida completamente nova, pensei em fazer uma bôa confissão geral.

Eu, na minha vida, nunca tinha feito Confissão geral; e aproximando-me do confessor com tão grandes pecados, sentia dentro de mim grande temor; as minhas forças pareciam faltar-me, mas, dentro de mim, ouvia fortemente a voz do dever que me obrigava a aproximam-me do confessor; e lá aos pés daquele bom sacerdote, que me representava naquele momento Jesus Cristo mesmo, fiz a acusação das minhas culpas e ouvi as palavras de conforto, que me integraram no desejo de conservar-me puro.

Terminada a confissão, levantando-me daquele genuflexorio, senti-me mais leve; parecia-me que um novo sangue corria nas veias, e agradeçi de todo o coração a Deus que me presenteara com tão bela ocasião. Para o futuro, nem uma falta virá enodoar o meu coração, juro-o ao Senhor e aos meus amigos da “União”.

4 — A confissão, se bem praticada, provoca um influxo benéfico sôbre a pureza do moço.

Na confissão, sinto-me mais próximo de Deus e experimento fortemente a dôr de tê-Lo ofendido; isto incita-me a preservar-me de cometer pecados, principalmente de impureza. Em segundo lugar, também faço na confissão o bom propósito. E como não hei de empregar todos os esforços para sustentar a palavra dada? Em terceiro lugar, tendo sempre o mesmo confessor, acontecia que eu tinha também uma grande vergonha de continuar a confessar-me daquele pecado, e também isto serviu-me grandemente de estímulo para manter-me puro.

5 — A santa Comunhão, além de trazer-me o Senhor e a sua graça, dá-me a fôrça para combater; e a prova disto, acho na minha própria vida; quando comungava uma vez ao mês, quedas sôbre quedas; e agora, que quero vencer estas fortes paixões, mal chego a Comunhão semanal.

6 — Quanto ao método que sugere a ginástica da vontade, para não mentir, experimentei-o e obtive efeitos escassos. E' certo que as pequenas mortificações me servem um pouco; mas este tratamento por si só não me bastaria.

7 — Método eficaz para vencer as tentações, além da frequencia contínua aos santos Sacramentos, é não se dar tempo á mente para pensar em cousas inuteis. “O ocio é o peor dos vícios”, diz o provérbio, e eu o experimentei. Quando tenho pouco ou nada que fazer, as paixões me assaltam, enquanto que, pelo contrário, quando me acho ocupado, ou melhor, imerso, por assim dizer, num trabalho ou noutro, é bem difficil que as paixões se despertem. E ainda que me assaltem, não tenho tempo para pensar nelas. Então,

quando não tenho que fazer, ponho-me a desenvolver algum esquema de conferência e assim, em vez de fazer o mal, procuro fazer o bem.

8 — Lembrar aos moços os danos que lhes traz o vício á saúde, é, sem dúvida, duma eficaz utilidade. Não creio, porém, que isto seja de muito grande efeito, porque muitos jovens impuros, (a maior parte talvez), não se deixam absolutamente amedrontar com as doenças provocadas pela impureza. Acharia então mais util fazer observar como a pureza provoca a lucidez do espírito, enquanto a impureza torna erótico o homem.

9 — Segundo o meu fraco parecer, o jovem, em face do ambiente corrompido que o cerca, não deve logo tomar um ar de desprezo para aqueles que pecam, mas, ao contrário, procurar aproximar-se dêles, e depois adiantar-lhes alguma palavra bôa, no momento oportuno. Sim, ha momentos em que mais facilmente se pode compreender o estado de animo em que se acha o jovem corrompido, e então tento lançar naquele momento uma bôa palavra, na esperança de que ela produza efeito. No dia seguinte, "além de uma bôa Comunhão feita na intenção daquele companheiro", procuro lançar outra bôa palavra, e assim, quem sabe se, com a graça divina, aquela alma não poderá remir-se!?

10 — Segundo a minha experiencia, os perigos que considero mais fatais são os da vista. Explico-me. Eu hoje passeio em Milão, ou melhor, corro, porque me devo dirigir a um dado lugar. Devo ir da praça Marcante á Avenida Vitor Manoel. Que trajeto devo fazer? O mais breve é, sem dúvida, pela rua dos pórticos; e por aí começo a caminhar. Logo no começo, olho e vejo uma bela vitrine em um armarinho. Oh! quantas belas canetas tinteiros! Oh!

que bonitos envelopes! E a vista corre e corre e eis que dá sôbre postais pornograficos... A vontade manda que me afaste; mas a vista não quer obedecer; afinal afasto-me e vou adiante. Dou quatro passos e eis que vejo uma senhora e uma senhorita indecorosamente vestidas! A minha consciência diz-me: "Cuidado, vai adiante, não olhes".

A minha vista, porém, fixa-se nelas, mira-as e depois é difícil que não se volte ainda para traz. Na minha fantasia já se acumularam duas imagens... Dou ainda alguns passos mais, eis que chego a uma livraria. Quantos e bonitos livros! Olho-os assim rapidamente e leio! "A Vida Parisiense", "Higiene do Amor", etc. ... Estes títulos e até estas palavras ficaram-me impressos na mente, tais e quais, com os seus caracteres nas capas brancas; chego ao extremo dos pórticos; deparo com um belo cartaz de cinema, representando uma figura que, á primeira vista, me fez corar: mas depois o olhar volta e gosta daquilo. Mais além, está uma casa onde estão expostas fotografias de todo o genero... Volto para casa, não tenho que fazer; a minha mente a ferver; revejo ainda na fantasia tudo aquilo que vi durante o dia; faço um esforço para chamá-la á razão, porém de balde, ela ferve muito por causa do que viu... E quando a mente não raciocina, tambem a vontade é fraca e a paixão facilmente vence.

Grande perigo tambem são as más amizades e as conversas perigosas.

11 — O método melhor para não cair é procurar ter as vistas, (principalmente), no seu lugar, e não deixar que a fantasia se desvie da razão; porque a fantasia do jovem é como feno seco; se começar a queimar, é bem difícil depois poder apagar-se. Por

isto, apenas percebo que a minha fantazia não se submete ao raciocínio, procuro, como meio util, pensar em outra coisa, e melhor ainda, tomo a bicicleta e vou dar um breve passeio nos campos e, ao ar livre, afim de que também a cabeça, pesada por causa de fantazia que trabalha, se alivie e se refresque; ou então começo a ler um bom livro; procuro enfim fazer o possível para me poder distrair.

12 — De que entre o apostolado juvenil e a pureza haja uma conexão, nunca ousei duvidar, porque o moço que não tem pureza não sente a beleza do apostolado, antes sente em si mesmo uma certa contrariedade, em participar das reuniões com seus amigos, porque tem vergonha dêles e quasi tem medo de que, na assembléia, transpareçam em sua frente estas palavras: Ele pecou por impureza! Recceia também fazer alguma obra de apostolado no meio dos outros, porque sabe que é indigno disto, e não tem consigo a arma dos propagandistas, absolutamente indispensavel para obter bons frutos: a graça do Senhor.

O viver para uma idéa dá-me maior força para vencer as tentações, porque, quando me assaltam as paixões, penso que, se caísse, ruiria o belo edificio que levantei com tantos sacrificios, e sempre quero levantar mais até tocar o céu, e então seria preciso recommençar para atingir o ideal, que está lá no alto.

13 — Sim, como já disse, a "União dos Jovens" pela primeira vez fez-me conhecer o que é o ideal, enchendo-me aquele vazio que eu sentia no coração.

14 — A vitória sobre mim mesmo dá-me uma grande, uma grandíssima serenidade e quando sou capaz de vencer-me, sinto nas minhas veias correr

um sangue novo; meus nervos querem fazer-me correr e brincar; a cabeça parece-me muito aliviada e assalta-me uma grande alegria enquanto, pelo contrário, quando, por minha desgraça, caio, a minha mente raciocina mais e a minha alma não encontra nenhuma alegria, mas experimenta um desgosto imenso...

15 — A primeira razão que me convence de que me devo conservar puro é saber que, praticando atos contra a pureza, peço mortalmente e a graça de Deus se afasta de mim. Em segundo lugar, conservo-me puro, porque a minha dignidade o exige. A minha mente com isto fica lúcida e compreende facilmente qualquer coisa, enquanto, pelo contrário, quando não se é puro, não se raciocina com precisão. E por último, porque quando um homem é capaz de vencer a si mesmo, é, numa palavra, capaz de superar os maiores obstáculos deste mundo. E', portanto, um homem de carater, e um homem de carater, como dizia o meu professor, não é absolutamente suspeito de clericalismo, e nada jamais faltará.

17 — A esta pergunta não saberia quasi responder, porque me parece que nas conferencias feitas já se pôs em relevo todo ponto de importancia.

XI

Eu poderia continuar prolixamente, publicando na íntegra outras interessantes respostas, e é com sincera dôr que me devo limitar ás referidas e utilizar-me das outras no próximo capítulo.

Não posso, porém, deixar de acenar para a idéa expressa por um propagandista, o qual exclama: "E nós jovens, que tudo consagramos ao ideal e á vitória de Cristo, como não seríamos abençoados por

Deus e por Êle sustentados de um modo todo especial, nas lutas contra a carne? Certamente, triunfaremos sempre sôbre a matéria, porque chamados pelo próprio Deus para executar tão nobre tarefa, sere-mos protegidos por Êle, de um modo especial. A bela "União de Jovens", gloria fulgida de nossa Milão, muito influe na alma juvenil nesta matéria; e uma prova disto temos nos grandes progressos obtidos em pouco tempo, progressos que certamente não se poderiam conseguir, se os nossos moços tivessem crescido entre as molezas e os prazeres".

E' uma luminosa verdade. Os progressos da "União Juvenil" devem-se á pureza dos nossos amigos. As suas batalhas, os seus sacrificios, não podem deixar de comover o coração de Deus. Quando formos a qualquer suburbio da cidade, ou a qualquer zona da Diocese, para fundar uma nova associação; quando realizarmos uma assembléia, uma reunião, um congresso; quando empreendermos uma iniciativa; quando tentarmos conquistar uma alma e remir uma consciência, rezemos desta forma: "Senhor, em nome de tantos moços, que a custa de muitas lutas conservam a sua pureza, abençoai o nosso trabalho".

A juventude cristã que floresce em Milão e vai engrossando as suas fileiras, pode abrir o coração á confiança mais serena. Todo arrôjo é lícito, toda desmesurada esperança é justificada, quando se pode afirmar com tenaz seriedade de propósito: "Conservaremos sempre o braço forte e o coração puro".

O propagandista, a que me referia, teve dentre outros, um pensamento genial. Depois de ter falado dos perigos e dos laços hoje armados á pureza do jovem, termina a resposta do questionário com uma graciosa oração.

Todos os dias, diz êle ao Senhor: "O' Jesus, que dissestes: Bemaventurados os puros de coração, porque verão a Deus, purificai, com o poder da vossa graça, tantas almas desditosas, que, imersas no abismo da corrupção, não sabem levantar os olhos para contemplar as divinas belezas do céu. De tão áridas terras fazei brotar lírios de pureza que formem as vossas castas delicias".

O' queridos moços, ó doces amigos, que escrevestes tão bem, quantas vezes sôbre as vossas páginas caiu a minha lágrima!

Oh! deixai que vos dirija a saudação do meu afeto comovido.

Saúdo os brancos lírios que entre as miserias e a lama se erguem para o céu, belos como a esperança, sorridentes como ideal!

Experiencias Pessoais

Respigando agora, sem seguir a ordem das materias das perguntas, os resultados complexos das diversas respostas ao questionário, referirei aos leitores os fatos e as experiencias pessoais dos meus amigos. Leremos juntos, na página das suas consciências. E' algumas vezes bom abandonar um instante os volumes impressos e o reino das idéas frias e abstratas, para folhear o livro das almas, sempre palpitante da vida fresca e fecunda.

I

Quasi todos os jovens se demoraram, (pergunta décima e undécima de questionário), em pintar o ambiente em que cresceram e vivem e a atmosfera pestífera que são constringidos a respirar.

Com uma comparação, que poderá parecer pouco elegante, mas que muitos, como me disseram, acharam exatissima, um jovem compara o ambiente que o cerca com um chiqueiro em que é necessário ter todo cuidado para não dar um passo em falso, sob pena de cair na lama. "Ha certos companheiros, acrescenta um outro, que não me parecem homens, porém animais imundos; e o jovem, as mais das vezes, é obrigado a estar com êles, porque os encontra por toda parte; na escola, nas oficinas, nas repartições, na caserna. Digo por experiencia. E'

terrível a obra deletéria dos companheiros. Hoje é uma brincadeira; amanhã um jornal aberto ostensivamente sob meus olhos; depois de amanhã, uma historiazinha imoral, contada com arte e luxuosa minudência; amanhã, ainda uma conversa obscena, comentada depois por outros em voz alta e entre rizadas, enquanto devo ficar aí trabalhando e, por força, ouvindo; um dia depois, é uma nota de compaixão á ingenuidade daquele pobre menino; no dia seguinte, é um sofisma sôbre a impossibilidade de guardar-se castidade e a gota dagua no entanto cái, fina, lenta, mas contínua e inexoravel".

"Ao terminar o sexto curso primário — conta o outro jovem — fiz-me imprudentemente amigo dum companheiro. A amizade era devida ao fato de ajudar-nos mutuamente e estudar as lições escolares. Eu frequentava a casa dele e êle a minha. Uma noite, durante um passeio, começou êle uma conversa livre. No principio, fiz-lhe recomendações; mas, em seguida, levado pela curiosidade, eu mesmo lhe pedia explicações.

Até então eu era inocente. Voltei para casa perturbado. No meu coração já não reinava, como antes, a tranquillidade.

Naquela noite eu me deitei, sim; mas, os pensamentos, as palavras do amigo, trabalhavam na minha cabeça. Foi quando o miseravel que escreve, no silêncio das trevas caiu. Posso, sem mais, agradecer áquele companheiro"...

Este mesmo moço, acabados os seus estudos, empregou-se num officio. No meu officio, (passo-lhe a palavra), havia uma senhorita nojenta. Nos primeiros dias, não prestei atenção nem ao que ia ela fazendo, nem ás conversas que tinha com outras se-

nhorinhas. Depois de algumas semanas, porém, cansado daquelas inconveniências, disse-lhe: "Senhorita, já é tempo de acabar com isto". Ela sorriu com pena de mim e fez pior que antes. A minha conduta era sempre séria; mas aquelas conversas e aquele ambiente agitavam a minh'alma. Um dia fiquei cansadíssimo. Não suportei mais. Tomei o meu chapéu e, depois de ter protestado, saí do officio e fui-me para casa. Temia que minha mãe me repreendesse. Pelo contrário, sabendo do que se passou, disse-me: "Fizeste bem; agora virão os teus chefes a saber do motivo porque te afastaste do officio. Com effeito, no quinto dia chegou á minha casa um bilhete dos meus chefes, convidando minha mãe a uma entrevista com elles. Minha mãe explicou o que se passava, e eu procurei um outro lugar".

Segue-se uma repreensão ás senhoritas, (a qual não achò util reproduzir), mesmo porque penso que todos, indistintamente, estarão de acôrdo comigo em condenar o procedimento destas moças, que deveriam representar, em toda parte, o ideal da bondade e da gentileza cristã, e que hoje, tão frequentemente, com a sua conduta, com as suas palavras, com o pretexto da moda, com a sua inqualificavel levianidade, amesquinham, diante dos moços, a sua dignidade, sua honra e seu pudor.

Não falemos, pois, nas officinas, onde operarios e operarias vivem perto uns dos outros, e onde está, a cada momento, na ordem do dia... Precisaria usar, com muita frequênciam, a tinta preta, diria Gyp, que seria capaz de corar. São antros infernais, observa um jovem operário; e um outro diz: "Precisaria ter fechado todos os dias os olhos e os ouvidos". Prolongar-me, pois, sôbre este ponto creio que seria supérfluo.

E os colegas?

"Tinha eu treze anos, mais ou menos, — escreve um moço, — quando entrei num collegio dirigido por leigos. Encontrei-me num ambiente novo, porque até então tinha crescido junto de mamãe. Como um tímido pintainho que saí da casca, deixei Milão e o ambiente familiar, e não imaginava de quais e quantos enganamentos era semeada a vida. Digo-o já: caí, quasi sem o perceber, nos laços que me tinham armado os companheiros. Eles que, com experimentada malícia, sabiam enganar a vigilância dos superiores, fizeram-me ouvir as primeiras frases equívocas ou más, depois conversações obscenas e eu, sem pensar no mal a cujo encontro eu ia, aprendi aquellas cousas e me gloriava de conhecê-las; assim, pouco a pouco, tornei-me escravo do vicio, que faz do homem um bruto. A primeira queda foi-me dolorosa. Pouco depois, pensando no que fizera, sentia ter cometido um grande mal e o remorso me roia a alma, e não me deixava em paz. Mas, o exemplo dos companheiros venceu este nobre sentimento e as quedas voltaram a ser habituais. Imagine-se que aqueles desgraçados, que tinham mais ou menos a minha idade, falavam já de certas cousas em que faz horror pensar-se! Foram elles que me arrastaram ao peccado. E eu me neguei muitas vezes, mas depois cedí ás suas instancias... e nas horas de liberdade, cometia mais vergonhosas ações!

Embora o collegio fosse dirigido por leigos, havia obrigação de ouvir missa todos os domingos. Aquella hora, que devia ser a mais preciosa e a mais sagrada do dia, era para mim e meus companheiros uma tortura. Quando depois o sacerdote, na praticazinha, falava de fé e de pureza, começavamos a murmurar e a nos rir; aquelle riso, porém, não era sincero,

inclinado ao mal por um triste hábito de culpas: "Goza a tua primavera! Repele as proibições!" E o moço frequentemente toma o seu coração, joga-o na lama; e quando lhe falais de um ideal de pureza, atravessa-vos um olhar e murmura: Impossível!

Eis o ambiente em que, queira ou não queira, é necessário viver e vencer. Trata-se de conservar-se puro, entre todas as insídias, apesar das próprias inclinações. Tal é o problema em toda a sua gravidade, como vem enfrentado e resolvido pelos meus amigos, cujas experiencias pessoais eu narro.

II

Êles proclamam, a uma voz, que sem a fé faltaria ao seu espírito a fôrça para conservar-se puros.

Ser-te-ia possível a pureza, se não tivesses fé? A esta pergunta muitos responderam: "Impossível, absolutamente impossível". "E' a fé que me sustenta na batalha. Quando a tempestade se enfurece e meu coração está quasi para ser arrastado, ai de mim se cedesse... Naquele momento, se fosse um ateu, certamente cairia". "A fôrça moral dos meus dezeseite anos deixar-me-ia cair no abismo". "Depois de ter começado uma vida nova, depois de seis mêses de pureza, caí ainda uma vez. Foi o desespero do meu coração. Encontrei, porém, na fé o estímulo e a fôrça para levantar-me logo, com a firme vontade de não mais cair. Sem a fé, a pureza me pareceria como uma inutil e dolorosa privação. Porque deveria privar-me do prazer?" "Não tendo que obter prêmio nenhum, se eu não cresse, julgaria inutil, sem finalidade, e como um esforço vão, resistir á paixão". Comparações expressivas florescem aos milhares na pena dos moços, ao declararem esta convicção. "Po-

nha-se um pássaro debaixo da máquina pneumática; subtraia-se o ar, o pássaro morrerá. Pois bem, para minha pureza a fé é o ar respiravel. Se lhe viesse a faltar, a minha pureza morreria". E um operário: "Lembro-me do episodio duma pessoa a quem faltava uma perna, e queria andar. Fazendo experiencia, depois de três ou quatro pulos, caiu no meio da estrada. Se eu quizesse conservar-me puro sem a fé e sem a prática religiosa, pareceria com aquela pessoa. Poderia conseguir o meu intuito por algum tempo talvez, mas depois cairia frequentemente: faltarme-ia o que mais vale. Existe um conhecido provérbio milanês que diz: "Nenhum cachorro balança a cauda sem razão". Para conservar-me puro, devo ter uma razão, e esta deve ser bem forte; para fazer-me renunciar aos meus sentidos e, a menos que eu o ignore, não ha razão humana desta natureza. Um caçador que vai á caça sem a espingarda não consegue matar nem o menor dos pássaros".

Acrescenta um terceiro, o qual aponta para a fé como a arma da vitória. E um outro: "Na minha vida moral, se não tivesse fé, teria o coração semelhante a um navio sem bússola e sem direção. Fé e pureza para mim são inseparaveis; quando em mim uma delas se enfraquece, sempre averigui que tambem a outra corria o perigo de ter a mesma sorte. A luta pela pureza jamais me foi tão difficil, como no momento de perturbação tive em mim a fé vacilante".

No que diz respeito, pois, á sua consciência, os jovens meus amigos são concordes em dizer que sem fé êles não poderiam conservar-se puros. Mas os outros? Que devemos pensar de tanta juventude que cresce sem religião? E' impossivel achar nela um jovem puro?

Muitos pensam assim: "Passei a minha juven-

tudo, — escreve-me um, — entre os jovens. Conheço centenas dêles, — de todas as condições intellectuais, sociais e artisticas, e creio que conheço um pouco a mim mesmo. Pois bem, devo dizer que não conheci jamais um só moço puro que não cultivasse, ao mesmo tempo, a fé viva e ardente. Se é verdade que as causas valem os efeitos, este fato é muito significativo”.

“Porque muitos jovens, meus companheiros, que vinham comigo á igreja, hoje aí não entram mais? A razão, creio que não erro, acha-se nos seus corações, que se corromperam e fizeram morrer a flôr da fé. Esta é uma flôr que não cresce na lama”. Alguns, (poucos em verdade), — acreditam que é possível achar-se um moço puro, embora sem fé. Certos temperamentos, ou então certas almas nobres que sentem “todo o horror” do vício e que são “absorvidos por um ideal ativo”, poderiam, (segundo o juizo dêles), vencer a luta, mesmo sem o auxílio da fé, sobretudo por um certo período de tempo.

Não discuto, apenas narro, porquanto devo limitar-me a acenar para um juizo sôbre um método de propaganda pela pureza, que fala só em nome da hygiene e não em nome da religião.

III

“Durante a minha vida militar, — assim fala um jovem tenente — no soberbo teatro “Farnese di Parma”, diante de dois mil e cem cadetes, o professor Bertarelli fazia uma conferência para prevenir-nos contra os perigos que o vicio traz á saúde. Falava só em nome da hygiene e da ciência e dizia: “Queridos moços, posso assegurar-vos que não só a casti-

dade não traz dano algum ao organismo juvenil, mas ainda torna mais forte e tenaz a vontade, mais limpi-da a intelligência”; e continuava depois a enumerar os danos, especialmente físicos, de uma vida corrompida. Aproveitei-me da ocasião para referir esta opinião a um meu camarada, que dias atraz, falando comigo, sustentava-me a tése contrária; mas depois de ter-me ouvido, deu-me esta resposta: “Muito bem; é verdade tudo aquilo que Bertarelli disse, mas não me importa; quero gozar. Se fôr vítima de alguma doença, peor para mim. Em todo caso, há tanta probabilidade de ficar imune, que não há necessidade de pensar nisto”.

Um outro jovem, tambem soldado, descreve-me o resultado que obteve sôbre alguns companheiros sem fé, propondo só os argumentos da ciência médica em favor da pureza, e que, numa palavra, não fazem mais do que dar uma razão de conveniência: sacrificar o prazer de um instante para conservação da saúde. Nos momentos de lúcido intervalo, o infinito valor da saúde, em comparação com a pequenez do prazer, appareceu-lhes em toda sua evidente clareza; mas quando se manifestaram os ataques da paixão, caíram novamente. E disseram-me depois que os médicos exageram, que o seu caso era excepcional, que tinham tomado todas as precauções sugeridas pela própria hygiene, e que, enfim, era impossível resistir.

A alguns dos nossos moços, que defendiam a pureza em nome da saúde, fizeram-se objeções de conselhos e citações de médicos infames, que teriam sido até pessimos veterinários, porém que são ouvidos pelos que descem abaixo do próprio nível dos animais. Responderam com uma grande quantidade

de outras citações e de inumeráveis testemunhas, não suspeitos de clericalismo nem de beatice, com a lembrança de companheiros... feridos no hospital, mas sem efeito prático.

Eis uma experiência pessoal muito notável. Um moço habituado a sair sozinho, depois de ter sustentado mil lutas, — mas sempre em vão, — adoece. A doença ameaça a sua vida: "Depois de um mês de cama, a morte parecia querer raptar-me, justamente não merecia outra coisa. Vários meses depois, não obstante as sinistras previsões dos médicos, comecei a convalescer".

Uma persuasão profunda o assalta: o diagnóstico científico era bem diverso; êle está convencido de que "foi o vicio predominante que consumiu nêles tais energias, que o deixou assim naquele estado". A doença trouxe-lhe um beneficio. Durante oito meses de cama em que caíu, escreve: "Hoje vivo; aos dezoito anos, agora feitos, prometi a mim mesmo, não por temor, mas simplesmente porque posso e devo ser digno de minha fé, uma vida melhor. O que não me foi possível ter de pequeno, quero-o agora, que pertença á União de Jovens e tenho por bandeira a pureza. Perdí-a, de vez em quando, é verdade, mas a recuperei ainda; e, para o futuro, tenho fé!"

Algumas vezes, pois, o pensamento da saúde pode ser eficaz, ao menos em parte. Mas, segundo a quasi totalidade dos meus companheiros, não basta, mesmo porque como pureza não entendemos só o candor das ações, mas também a dos pensamentos e dos desejos. Todos os nossos moços, portanto, confessam que, pessoalmente, as preocupações da hygiene não lhes bastariam para se conservarem puros.

IV

E então, para arder bem alto a chama da pureza, será suficiente ouvir missa aos domingos e festas de guarda, confessar-se ao menos uma vez cada ano e comungar pela Pascoa?

Não. Outro ponto em que os jovens estão de acôrdo é este: com a fé, com uma religião praticada sem entusiasmo, não se pode absolutamente conservar-se puro (resposta á pergunta terceira do questionário). Eles desferem setas contra a religião "Simiesca", "Mecanica", que consiste só numa forma exterior e completamente convencional, e "reduz-se talvez" a ir á igreja para a missa, não mais para atender ao Senhor, mas... ás senhoras".

Para ser-se puro, dizem, é necessário ter-se caráter; ora, uma fé assim fingida demonstra falta de caráter.

"A pureza exige sacrificios; e sem entusiasmo os sacrificios tornam-se duros, pesados, impossíveis".

A prova experimental foi-me narrada por um soldado: "Acho-me, escreve êle, junto com diversos moços vindos das regiões da nossa diocese e da nossa Lombardia; são geralmente cristãos. Vão frequentemente á missa; têm na carteira um santinho, trazem — pelo menos alguns — uma verónica. Pois bem, para eles, a questão da pureza não equivale nem a uma batalha perdida, mas só a uma necessidade, á qual é natural ceder, tanto que, no mesmo dia, são capazes de visitar a Casa do Senhor, (e horroriso-me em dizer, mas é a pura verdade) e também outras casas".

V

O mesmo diga-se de tantas confissões e até de

Comunhões (resposta á quarta, quinta e sexta do questionário).

O estado de alma comum a muitos é um grande sentimento de vergonha a confessar-se destas culpas. A confissão torna-se pesada e fastidiosa. "Eu raciocinava assim, diz um moço. Posso porventura ir confessar-me com o meu assistente eclesiastico? Ele me conhece! Brinco e rio-me muitas vezes com êles; não tenho coragem! E quando chegava o dia da Comunhão mensal, aproveitava-me sempre dum confessor extraordinário. Uma vez, como êle não estivesse, fui a outra paróquia vizinha. Sempre a confissão era para mim uma cousa pouco desejavel, como é pouco desejavel extrair-se um dente. E aquella massada, (perdoai-me esta palavra), em nada me adiantava. Eu continuava sempre como antes".

Um outro reconhece que, durante certo tempo, não tirava da confissão quasi nenhum proveito, porque fazia a via-sacra dos confessores. Na primeira estação, considerava-se como êle ia confessar-se com o padre A... No dia seguinte, estava como no anterior. Na segunda estação, considerava-se como no mês seguinte, ia ao padre B... E assim continuava sempre com suas culpas, "secula seculorum".

Um terceiro tinha dois confessores: "um para os pecados leves e outro para os pecados graves".

Um quarto procurava sempre os confessores de manga larga, isto é, faceis, condescendentes.

Que há de admirar, — para usar da expressão de um jovem, — se estas confissões não valem nada? E assim acontece com as Comunhões e sobretudo com a Comunhão mensal, em uso em todas as nossas Uniões.

Os moços não negam o valor que tem a Co-

munhão mensal. Só o ato de agruparem-se os socios de um centro, num domingo do mês, ao redor do altar, para receber nos seus corações Cristo Senhor, é já uma bela manifestação de fé, e uma esplêndida manifestação, semelhante á que contou o poeta inspirado: "Os teus filhos são rebentos de oliveira ao redor de tua mesa". E para alguns moços que não sentem vivas demais as tendencias perigosas, a Comunhão mensal pode talvez bastar.

Sôbre oitenta, no entretanto, achei apenas quatro que me afirmaram isto. Todos os outros confessaram-me: "Experimentei em mim mesmo que a Comunhão mensal não basta; vivo num ambiente tão corrompido que me seria quasi impossivel manter-me puro com uma Comunhão por mês. O diabo não me tenta só uma vez por mês; eu sou demasiado fragil, e o meu passado de quedas é recente demais para conservar-me puro por muito tempo, sem o auxilio do Pão de candura! Ai de mim se na minha locomotiva puzesse agua e carvão só uma vez por mês! Depois de alguns dias, devia parar; alguns dias, uma semana, no máximo, bastam para me fazer esquecer as harmonias da Comunhão".

Mas, precindindo agora destas averiguações pessoais, o que mais importa é a história de muitos jovens que insistem nas recordações de um tempo passado, quando só mensalmente se aproximavam para o osculo de Jesus com as vestes candidas. Aquellas Comunhões, "feitas por costume", ou porque "a mamãe ou o assistente eclesiastico insistiam ou pediam, atormentavam-me, não davam paz; aquellas Comunhões, com a característica de periodicidade, — reconhece um jovem, — nunca significaram cousa alguma para a minha moral. Eu as fazia, porque assim queria o regulamento; e eram, mais que tudo, um

ato material, sem o sentimento vivo de piedade. Experimentei, algumas vezes, a queda até no mesmo dia da Comunhão"! E acrescenta: "Foi o mínimo resultado que tirei de tantas práticas ouvidas sobre este assunto. As práticas deixavam-me no estado em que me encontravam, e certos livros ótimos, já se vê, que falavam de moralidade, produziam em mim o efeito oposto. Lia-os avidamente por uma curiosidade malsã e muitas vezes produziram-me mais mal do que bem. Compreende-se que a culpa era minha e não do autor: mas a realidade é o que disse".

Eis porque muitos, mesmo os que frequentam a igreja, são algumas vezes tentados a imitar o exemplo de um jovem, o qual pergunta: "Que respondes aos companheiros que te dizem ser a pureza impossível? Respondo: "Acho que têm quasi... quasi razão".

VI

Entretanto, o problema pode resolver-se; pode-se alcançar a vitória. Os trechos da vida a que me referi no presente capítulo, são disto uma prova eloquente, como constituem uma afirmação ás páginas dos jovens que cantam hinos ao influxo exercido sobre a sua alma, pela União, em matéria de pureza. (Resposta á pergunta décima quarta do questionário).

"Houve um influxo verdadeiramente grande", diz um, porém explico literalmente, deixando as expressões da sua atraente ingenuidade: "Quanto mais frequentei a "União", tanto mais tornei-me puro".

"Sem o mínimo exagero, devo reconhecer que a União exerceu sobre mim uma influência deci-

siva". "Querendo ser sincero, confesso que a "União de Jovens" foi para mim a ancora de salvação". "Em toda a minha vida não poderia jamais esquecer o grande efeito que a "União" produziu em mim neste particular". "A "União de Jovens" fez-me mudar radicalmente de vida"; e poderia ir muito longe.

E á outra pergunta acêrca da possibilidade e impossibilidade de pureza para um moço, muitos observam, como também êles um dia, sem declará-lo abertamente, sentiram assim; mas, hoje a própria experiência pessoal os convenceu do contrário. É possível ser puro, — dizem — porque eu me tornei tal. E contra fatos não ha objeção que valha.

Qual é então o método empregado para se obterem os efeitos descritos? Descobriu-se porventura em Milão um remédio prodigioso a que se tenham podido aplicar as palavras dos cartazes: "Quereis a saúde? Bebei Ferro-quina-Bisleri".

Qual o caminho seguido pelos moços vitoriosos na ascensão á montanha da pureza? Esta é a parte principal, este o ponto mais importante do meu trabalho de síntese.

VII

Infelizmente, devo começar por uma palavra difícil. Mas ninguém se espante. A palavra é esta: "orientação". A explicação virá no capítulo descrito.

Suponhamos que um navio parte de Genova para ir a New York. Se tomasse o rumo do mar Vermelho, diríamos que a "orientação" daquele navio estava errada; o caminho percorrido por êle poderia, ás vezes, assinalar um zig-zag, que parecesse, por um instante, corrigir a direção errada; nada ob-

terá se não tiver seguido um rumo certo. Se, pelo contrário, a orientação do navio é exata, qualquer momentaneo desvio poderia atrazar a chegada a New York, mas não impedi-la.

Pois bem, a alma juvenil é um navio que se deve orientar para conseguir a pureza. Se não houver esta orientação, pode haver um período sem quedas, mas, não chegará á boa orientação definitiva; e então bem pouco adiantam as confissões, as Comunhões, as práticas, os livros, os conselhos e assim por diante. Pelo contrário, se há orientação, neste caso, infelizmente, poderão também, de vez em quando, verificar-se culpas, mas o jovem será como uma bola que arremessada ao sólo ergue-se impetuosa para o alto.

A orientação, numa palavra, produz na alma uma verdadeira revolução; a vida aparece sob uma nova luz e fica completamente animada por um espirito diverso; uma transformação radical produz-se em todo o sêr e dá um colorido especial, uma alma nova, á vida individual, familiar, social e religiosa.

Vamos aos exemplos e á prática. E' ocioso, antes de tudo, lembrar que não existem na natureza duas fôlhas iguais; não se encontram duas fisionomias iguais; e seria bem ridículo o sapateiro que quizesse preparar sapatos, segundo uma única fôrma e com idênticas dimensões.

Com maior razão não existem duas almas iguais. Cada alma tem a sua própria história; a minha é diferente da história da alma de cada um dos meus leitores; e um educador que não tivesse praticamente assimilado esta verdade, não plasmaria, não formaria jamais uma consciência.

Os jovens, pois, chegam a vencer-se ou a orientar-se na prática da pureza, estes de um modo, aqueles de outro. Não existe uma regra geral para obter a orientação. Cada qual segue o seu caminho especial, o seu próprio, que não é o dos outros e não pode ser confundido senão pela superficialidade abstracta.

Por exemplo, eis como um moço pode conseguir a orientação para uma vida completamente pura. Ele participou da primeira reunião de um curso para os propagandistas. O sacerdote que o iniciava, em vez de fazer uma conferência de cultura, como parecia natural, (pois que o curso compreendia duas séries de lições, uma de índole apologética, e outra de índole social), aferrou-se toda a noite na afirmação do nosso programa religioso: eucaristia e pureza.

"Lembrar-me-ei sempre daquela primeira reunião, — diz o jovem amigo — lá no salão do Arcebispo. Fiquei profundamente impressionado com aquelas palavras: um moço que se prepara para praticar uma obra de apostolado, deve ser um moço puro; não deve absolutamente permitir-se um só ato máu, embora sosinho. Quem de vós não se sente capaz disto, que se retire então... Era a primeira vez que ouvia palavras tão decisivas e severas, que para mim eram uma condenação. Não que eu fosse um corrompido, mas algumas vezes e sempre isoladamente, tinha cedido á tentação. Há tempos sentia que era insustentavel a minha situação, e que devia decidir-me a sair do equívoco. Houve um tempo em que tinha aprendido a conhecer almas belas e eleitas de verdadeiros sacerdotes e de leigos verdadeiramente cristãos. Quantas vezes chorei amargamente, depois de uma queda, e jurei a Deus nunca

mais pecar! Quantas vezes corri aos braços de um sacerdote para confessar a minha culpa! Sentia-me infeliz, por ser incapaz e fraco diante da tentação. Mas, desde aquela noite, prometi com todas as forças não mais cair, e nas santas Comunhões, que se tornaram desde então muito frequentes, pedi a Deus auxílio e força. E daquele dia em diante, nunca mais caí. Ha mais de um ano que me conservo inteiramente puro”.

“No meu Oratório, (um jovem descreve a sua ressurreição), a regra prescreve que todos os co-irmãos, ao aproximar-se da solenidade da Imaculada Conceição, se preparem fazendo a Comunhão em sete festas consecutivas. Acolhi este convite com entusiasmo, e prometi a N. Senhora, por esta ocasião, não mais recair nas minhas culpas habituais contra a pureza”.

“No comêço, parecia-me impossível sustentar a promessa; mas depois, com o auxílio da Virgem e com a minha vontade, saí vitorioso. Todos os domingos que passavam, assinalavam para mim uma data memoravel, uma batalha vencida. Avante, coragem, dizia de mim para mim; combate e vencerás. Cheguei no último domingo, trazendo a bandeira arrancada ao inimigo, com a minha vitória”.

“No Oratório, fez-se de um modo especial a festa de N. Senhora, porque é a nossa padroeira. Eu, de noite, sentava-me entre meus co-irmãos, como de costume, para resar o Rosário e depois receber a Santa Benção.

Estava alegre com a vitória; olhava para a Imaculada e Ela parecia sorrir-me e murmurar-me: soubeste combater e venceste. Foi então que, aos seus pés, prometi nunca mais recair; e sinto-me orgulhoso de o haver conseguido. Maria velou sobre

mim; agora estou livre, e o meu coração está puro. Quanto é belo viver por um ideal! Custa sacrificios, mas o tesouro é grande. Estive morto e ressuscitei. Pelo prazer de um momento, tinha perdido o belo paraizo, merecido os castigos eternos do inferno e renunciado á alegria. Avante, sempre avante, a novas vitórias e novas conquistas”.

“Oh! minha alma, gosa a primavéra da tua vida, sorvendo o perfume suave do lirio, agradece ao teu Deus o grande dom e repete sempre: “Virgem das virgens, rogai por nós! *Virgo Virginum, ora pro nobis*”.

E que dizer da influência definitiva que um curso de Exercícios Espirituais pode exercer na alma juvenil? A “União de Jovens” deverá dedicar uma gratidão eterna aos bons padres jesuitas, os quais, depois de terem desenvolvido tambem na Italia aquela esplêndida obra providencial dos retiros para operários, que já tão copiosos frutos produzira na Bélgica, nestes últimos anos, — abriram tambem generosamente a casa hospitaleira de Triuggio aos jovens dos nossos centros. Ninguém poderia descrever a eficácia de um retiro espiritual para um moço, nem a impressão que lhe fazem três dias de silêncio tranquilo e recolhido, passados num oásis de paz e de oração, entre a séria meditação das verdades eternas e o exame sincero da própria consciência. Dum curso de Exercícios, feitos deste modo, um jovem jamais se esquecerá. Mesmo si, por hipótese, depois de uma graça tão insigne, êle cair ainda, o remorso o perseguirá, e não terá paz, enquanto não ressurgir de novo.

Um outro moço alcançou a sua orientação definitiva, lendo um artigo do jornal: “Escute, Padre Francisco, permita-me que lhe fale com certa liber-

dade. Todos cometem erros, e também eu cometi alguns. Mas, como sempre me interessei e gostei de ter a frente erguida e dizer sou puro, nunca desanimei. Eu me recordo da bellissima biografia escrita pelo caríssimo Panighi sôbre o pobre Florieni, onde dizia: Carlos comungava todas as manhãs; é por isso que se sentia forte. Fiquei impressionado com estas palavras e senti-me abalado. Também determinei fazê-lo e agora sou feliz. Não receio mais, Deus me protege". As palavras que o nosso caríssimo Piero Panighi escreveu no jornal "Italia", quando chegou a Milão; a triste notícia da morte de um dos mais ativos propagandistas da União, foram a voz poderosa que orientaram definitivamente a minha alma na prática absoluta da pureza. Descrevendo um trecho da sua vida, um jovem narrou como encontrou a orientação, entrando, pela primeira vez, nas salas da União Central, enquanto se discutia sôbre a pureza. Alguns foram abalados no mais profundo de sua consciência pelo próprio questionário; outro impressionou-se por uma conferência em tórno da figura de Lacordaire; um outro ainda pela religiosidade cristã e sincera de uma familia que frequentava, e assim por diante. Numa palavra, o fenômeno da ressurreição moral é ocasionado, algumas vezes, até por uma frase, por uma palavra, por um incidente de pequenissima importancia. Deus serve-se das cousas menores e insignificantes para operar os grandes feitos. Não é um homem que pode tornar puro um outro homem; é Deus. Os pensadores ateus podem sorrir; nós os desafiamos a orientar um moço para a pureza.

VIII

Os sinais e os efeitos da orientação são faceis

de se colherem e descreverem. A posição clara e definitiva que se consegue induz logo o jovem a uma "total intransigência a respeito da pureza". Daí por diante, assim leio numa resposta ao questionário, "fechei violentamente todas as portas, enquanto que dantes as abria só á paixão. Mesmo depois dos propósitos mais fortes, não tinha nenhuma prudência nas minhas palavras, ria-me e aprovava certas conversas e não tinha cuidado com meus pensamentos. Depois, concebi a pureza na sua integridade perfeita".

Só então se compreende, no seu verdadeiro valor, as razões da pureza (resposta á pergunta décima sétima do questionário) e vê-se porque devemos enfrentar por ela as mais terriveis batalhas. "Só então, diz um outro moço, percebi como aviltava a minha dignidade e tornava-me semelhante aos animais; agora enojo-me dos prazeres vulgares, a que, por tanto tempo, me sentia obsedado.

O pensamento de não ofender a Deus, de não atirar lama sôbre a bela estátua, isto é, sôbre a alma criada por Êle; a idéa de querer ser o senhor de si próprio e não um escravo da carne, incapaz de pôr-lhe um freio; a alegria de trazer bem viva e acêsa a chama do ideal; de não apagá-la vilmente no lôdo; o sonho com a familia futura, com a futura companheira da vida, com os filhos que a Providência me concederá; todos estes motivos adquirirão uma eficácia não só especulativa, mas prática; tornam-se idéas fortes e fazem até compreender o porquê dos castigos inevitaveis do vício, o porquê da melancolia e da náusea que assalta o desgraçado que cái, o porquê da maldição que golpeia no corpo, no espírito, na mente e no coração, o fraco que não sabe lutar.

Um sentimento de nobreza eleva a alma do victorioso: êle é verdadeiramente o *homo novus*, transformado no seu carater. Na familia, no trabalho, em toda a sua vida moral, intelectual, social e espiritual, a pureza faz brilhar o seu benéfico influxo. As dúvidas contra a fé, as difficuldades que pareciam gigantes ameaçadores, desaparecem como sombras varridas pelo vento.

O ardor da bondade e do Apostolado desenvolve-se como uma chama, o espirito de sacrificio cessa de ser um nome vão, e dá conta de suas provas quotidianas na mortificação.

Esta última, (resposta á pergunta sétima do questionário), vai adiante sempre para preparar a orientação necessária á pureza, e é praticada geralmente por todas as pessoas que querem conservar o dominio de si mesmas.

O "Renuncia a ti mesmo" do Evangelho, a "mortificação dos sentidos", conforme nossos profundos e piedosos escritores, a "ginástica da vontade", segundo os pedagogistas modernos, são uma só e mesma cousa, que nos faz senhores de nós mesmos.

"Eu era muito guloso, narra um moço, e até parava com certo prazer diante de kiosques, vitrines, etc. Todo dinheiro que me presenteavam, caía nas mãos do pasteleiro. Uma vez, porém, tendo recebido uma lira de presente, pendurei-a atraz de um quadro de N. Senhora, prometendo-lhe que a deixaria ali um mês, depois do qual, a empregaria na compra de um livro que tratasse dela. Imagine-se os suspiros diante daquela imagem, quantas vezes tirei aquella moeda e estive a ponto de fazê-la desaparecer no balcão duma pastelaria... Mas, não; a Virgem Santíssima ajudou-me, pude cumprir a minha

promessa. O mesmo método seguí com relação ás vitrines, etc. Prometí não parar para apreciá-las; e, pouco a pouco, o consegui, até que cheguei a passar por elas sem me aperceber que existissem. Se posso agradecer ao Senhor por ter-me conservado puro, devo-o, além do Seu divino auxilio, ao da Virgem Santíssima, nesta espécie de ginástica de vontade".

Assegura-me um propagandista: Não comer fruta no sábadó, renunciar algumas vezes a um cigarro, pular imediatamente da cama de manhã, logo que despertar, etc., foram cousas que lhe adiantaram muitissimo, para fortalecer o próprio carater, livrar-se do vicio e hoje conservar-se puro. "O dominio dos pequenos regatos me serviram para dominar a torrente". Pouco a pouco, esta ginástica faz perceber tão luminosamente as suas vantagens, que se procura quasi todas as occasões para exercitá-la.

Diz assim um jovem: "V. Revma. não pode imaginar quanto me custa escrever-lhe todas as minhas miserias. Fiquei em dúvida durante algum tempo; depois disse: "Quero fazer um ato de ginástica de vontade e contarei!"

IX

Um exercicio de ótima ginástica espiritual, como já os leitores viram no outro capítulo, é para muitos a confissão geral, que quasi sempre acompanha a orientação. Ela é de suma efficácia e eu aconselho a todos os moços desejosos de iniciar uma vida nova de pureza, que superem as apparentes difficuldades e os falsos temores da alma titubeante, e façam a confissão geral de todos os seus pecados.

Seja como fôr, a confissão e depois a orientação são muito eficazes, seja pelo auxílio sobrenatural e pela graça de Deus, seja também porque os moços uma vez para sempre deixam de calcar aos pés o sangue de Cristo, e confessam-se bem, (resposta á sexta pergunta do questionário).

Antes de tudo, os jovens que se tornaram puros escolheram o seu confessor e ficaram sempre com êle. "Porventura quando estou doente peço hoje um médico, amanhã outro, depois de amanhã um terceiro, e, no dia seguinte, um quarto? Não, porque, desta sorte, nenhum poderia seguir o curso da minha doença e eu morreria antes da hora. Por isso, também na minha vida espiritual, para curar-me dos meus máus hábitos, fixei o médico assistente; fui sempre ao mesmo confessor, e só em algumas circunstancias fui a outros, porque afinal não é proibido que, de vez em quando, se consulte, além do médico da família, algum outro especialista".

Muitos até acharam grande utilidade em confessar-se com o seu Assistente Eclesiástico, isto é, com o sacerdote que os conhece e com o qual frequentemente falam e conversam.

Foram obrigados a vencer, é verdade, pela primeira vez, a vergonha; mas asseguram-me que a alegria experimentada depois foi tão intensa e o proveito tão grande, que foram copiosamente recompensados. Para alguns, tal exercício de ginástica da vontade bastou para orientá-los definitivamente no caminho da virtude.

Que acontece então? Acontece que o estúpido e tão insípido fenômeno da vergonha desaparece. O primeiro ato de sinceridade completa e total é decisivo, a confissão deixa de ser um tormento e,

pelo contrário, torna-se dôce e desejada, sobretudo no caso de uma recaída.

Com efeito, não se disse que depois da orientação é impossível cair. Infelizmente não é sempre assim. E o jovem sente-se sem coragem, desanimado, humilhado; um senso de desesperação quasi o invade; é a extrema tentativa de Satanaz. E' preciso vencer; é necessário correr logo ao confessor. Esperar quatro ou cinco dias é deletério; a primeira queda chama atraz de si outras diversas. O método de São Felipe Neri, o imortal conhecedor da alma juvenil e um dos maiores educadores que teve a humanidade, é o único a seguir-se.

Todos aqueles que conheço e que se corrigiram, tiveram a constancia de irem logo confessar-se com o mesmo confessor, e seguirem esta regra todas as vezes que caíram. E é um remédio infalível, quando bem compreendido, é a orientação descrita.

Com o confessor se deve usar de máxima sinceridade. "Obtive grande fruto, diz um jovem, expondo ao sacerdote as batalhas sustentadas, os assaltos e as tentações sofridas". "Eu acrescenta um outro, sentí aumentar ainda a minha alegria, quando, em vez de um pecado, pude confessar a minha primeira vitória! Oh! quanto me custou ela! Só eu o sei! Mas que alegria, quando o confessor se congratulou comigo, e me disse uma palavra de encorajamento!" "Recordo-me, assim diz um terceiro, de uma culpa depois da confissão geral. Tinha prometido não cair mais, e o conseguí por seis meses. Depois, ainda uma vez, caí. Não queria ir ao meu confessor habitual; tinha vergonha. Ai de mim se tivesse seguido esta má inspiração! Teria sido minha ruína. Fui, e confessei-me ainda com êle. Não

me gritou, fez o contrário. Disse-me uma palavra paternal, que me fez tanto bem!... Pareceu-me reviver e sentir-me mais leve. Desde então, não caí mais. E quando saí á rua, dei quatro pulos de alegria, como um menino feliz”.

E’ deste modo que a confissão serve, de verdade, á pureza. O sacerdote, como é de seu dever, pode então acompanhar na sua convalescença o jovem que luta; pode dar-lhe conselhos uteis, apontar-lhe os perigos, e não se vê constrangido a limitar-se á insípida exortação: “Olha, não cometas mais este pecado, para não ires ao inferno!” Verdade sacrosanta, mas parecida com esta outra verdade pronunciada por um médico que, visitando um doente de tifo, recomendava-lhe: “Não adoegas mais outra vez. Com o tifo se morre”. Muitas vezes os pobres sacerdotes são obrigados a fazer este papel feio, e não sabem que sugerir ao jovem que se confessa. A culpa não é dêles; é do penitente que, frio e gélido como uma pedra, não se confessa como deve.

X

Porventura será necessário agora que eu insista em descrever o influxo que o moço assim orientado recebe da Comunhão (resposta á quinta pergunta do questionário).

“E’ um influxo de fôrça e de vitalidade para resistir ás tentações”. “Jesus, descendo ao meu coração, suscita em mim o mais vivo desejo de pureza”. “O pensamento da Comunhão que fiz e da que devo fazer é para mim um freio fortíssimo”. “Quando tenho Jesus no coração, não comêto certas culpas. Depois de ter saboreado as doçuras da Eucaristia, não aprecio mais o prazer vil”.

“Depois da santa Comunhão, estou cheio de entusiasmo e pronto para a luta. Tenho em Jesus um aliado e estou certo de vencer”.

E estes queridos filhinhos, com palavras como vedoras, contam-me todo seu afeto para Jesus Eucarístico. Um expressa-me toda sua alegria por poder dizer á branca Hóstia: “Tambem eu sou puro”; outro me escreve: “Quando se formou uma verdadeira consciência eucarística, o jovem não pode mais cair na baixeza”; um terceiro conta-me as Comunhões feitas para se preparar ao serviço militar e aos perigos morais que teria de encontrar; outro ainda bendiz aos sacerdotes que o induziram á Comunhão freqüente... Ninguem então se admire de que em Milão, hoje, muitos jovens façam a sua Comunhão semanal e outros a sua Comunhão cotidiana. A Comunhão mensal para todas as “Unões de Jovens” é simplesmente uma etapa. Nenhuma imposição czarista, não. Não queremos Comunhões feitas por fôrça. Mas eduquemos os jovens na pureza, e nossos altares serão frequentemente alegres pelo sorriso de flôres virentes, com o frescor da juventude, belas pelo seu candor.

XI

Outrosim, é superfluo que me extenda agora sôbre o método seguido pelos moços, no combater as tentações e no refrear a própria fantasia. (Resposta á oitava e décima segunda do questionário).

E’ muito natural o que êles prolixamente expõem, e que eu, para ser breve, devo apenas acenar. No momento do assalto, o jovem orientado para a pureza, “crava-se e engolfa-se num trabalho, e concentra a atenção num objeto”; ou então, distrai-

se, pondo-se a falar alto, a pular"; ou pensa em Deus, na Virgem, na morte, murmura uma jaculatória e diz a si mesmo: "Age como se tua mãe estivesse aqui presente e te visse". Um jovem orientado procura, por todos os meios, formar a sua alma nos sentimentos de nobreza, quando o instinto faça ouvir os seus bramidos; êle se sente superior e não se rebaixa tão pouco em parar para discutir com a tentação vulgar. Não procura as ocasiões, os cinemas, os bailes, os teatros, etc., mas evita; foge do ocio, e quando se acha entre os perigos, não sáí deles ferido, antes tira frutos. Alguns jovens militares asseguram-me que conservam absoluta pureza na caserna, com menores lutas do que em Milão; o espetáculo de tanta miseria e de tantas baixezas suscitou nêles uma reação de desdem, de desgosto, de piedade. Sim, tambem de piedade, porque muitos dêles, na resposta ao questionário, notam que na rua e no lugar do trabalho, passando perto ou aproximando-se de tantas pobres almas desgraçadas, rezam por elas no seu coração.

Poderia citar outros episodios interessantes. Limitar-me-ei, porém, a um só. Para um moço, o método melhor de vencer é este: na tentação depois de um pensamento a Deus e á Virgem, dizer a si mesmo: "Coragem, Pinuccio; ou vence ou então, esta noite, não irás ao recreio; certamente lhe repugnarás demais apresentar-se aos seus amigos com o coração manchado!"

Eis porque aos que vão discursando sobre pretensos danos que poderia acarretar á pureza, (como se certos hospitais fossem o refúgio de moços puros), os nossos amigos respondem: "Mentís, sabendo que estais mentindo"; e ao fraco que murmura a palavra velhaca, "impossível", replicam: "Experimenta e verás".

XII

Nesta altura, parece-me ouvir uma objeção: "se tudo é efeito da orientação, devemos então cruzar os braços e esperar do alto a descida desta milagrosa e suspirada graça? Não. Nem mesmo em Napolos os macarrões cáem do céu. E se quereis comê-los, deveis levá-los á bôca com o garfo, ou com dois delicadissimos dêdos.

Só de Deus depende a conversão de uma alma, é verdade; mas, de nossa parte, podemos preparar a atmosfera benéfica, onde será possível a adaptação, o jardim apto ao crescimento e desenvolvimeto da flôr, enfim o ambiente em que o moço achará incitamentos ao bem e á virtude.

A "União de Jovens" procura precisamente criar em redor das consciências juvenís tal atmosfera.

Tudo o que eleva a alma de um jovem, é sempre uma bôa preparação, um bom auxilio á pureza. Tambem a natureza bela, as montanhas, o céu, podem servir para nobilitar um pouco o espirito! Com muito maior razão, ainda servem as palavras de bondade, pronunciadas de coração e que comovem a juventude. E' necessário falar aos jovens sôbre o ideal, sôbre todo ideal bom e belo! Cumpre falar-lhes com entusiasmo vivo, sentido, unguido, e fazer vibrar as cordas da sua alma. E' mistér despertar os seus sentimentos mais altos, excitá-los aos gestos generosos, fazê-los fremir de comoção. Os jovens sabem chorar, tambem êles conhecem a grandeza e o heroismo. Não ha moço que se não possa remir; todo coração de jovem é o esconderijo de tesouros mil. Aproximai-vos dêle, abrí-o e fazei vêr ao moço as suas riquezas ocultas. Dizei-lhe: "Conhece-te a

ti mesmo!" Repara como tu tambem vibras unísono conosco! Lembra-te que nós te amamos, que te queremos bem, que te queremos conosco. Une tambem tu, como num feixe, tuas energias ás nossas; em nome de Deus, deves realizar grandes coisas".

Pobres moços! Escreveu-me um dêles: "Depois de uma só conferência na União, decidí mudar radicalmente de vida!" Como é bela e ao mesmo tempo significativa esta expressão! Aquela alma juvenil tinha crescido até dezeseite anos, sem ouvir uma palavra de entusiasmo e de vida. Pela primeira vez a ouviu nas salas da nossa União, e a correspondeu com tanta generosidade!

Nós amamos os jovens. São o nosso orgulho, a nossa confiança, o nosso tesouro! A União é uma familia, e não ha em Milão nenhuma onde exista tanto afeto como na União.

Se pelos moços fosse necessário fazer qualquer sacrificio, todos nós o fariamos. Dói-nos uma só coisa: não termos mais talento, mais saúde, mais meios, mais energias, porque tudo isto dedicariamos aos jovens, para poder conquistá-los, e oferecê-los a Jesus Cristo, Eis a alma e a atmosfera da União! Eis o espírito vivificador que aí infundiram o pranteado Cardeal Ferrare, creador da Associação, e todos os sacerdotes que trabalham pela juventude, assim como todos os propagandistas antigos e novos.

Os jovens compreenderam e corresponderam. Pareciam dizer: "Pedí quanto quisêrdes; estamos prontos". E quando se lhes bradou: "Jovens, amai a Jesus Cristo, amai a Eucaristia, amai a pureza". Eles não hesitaram; foram fortes e generosos.

XIII

A atmosfera da União não é só atmosfera de idealismo e de entusiasmo cristãos, mas tambem de sã e sólida cultura. Aparentemente não ha relação alguma entre a pureza e uma conferência ou uma discussão apologética. Na realidade, porém, ha a mais íntima relação do que se possa julgar. Os moços, por causa do ambiente que os cerca, têm a alma agitada por mil objeções contra a fé; e as zombarias, as dificuldades, as injúrias, que quotidianamente vêm assacadas contra a religião, por homens, por partidos, por livros, por jornais, por seus professores, trazem um dano imenso, tambem á sua vida moral, enfraquecendo, gradativamente, a resistência que uma crença sincera e enraizada pudesse trazer-lhes.

Quando, entretanto, o moço vê numa conferência ou discussão, exposta com lealdade a objeção que o atormenta e depois a vê resolvida, esmagada inexoravelmente, então a fé se robustece no seu coração e com ela tambem a fôrça moral e a vida religiosa. Uma sólida cultura contribue muitíssimo para a elevação da alma e sobretudo coloca o jovem na altura de desenvolver bem e honrosamente, aquele apostolado que está intimamente unido á pureza, (resposta décima terceira pergunta do questionário), e forma uma parte essencial de nosso programa.

Os moços da União não devem contentar-se de serem bons para sí, mas devem fazer com que os outros o sejam.

"Amigos meus, — dizia-lhes alguns mêses atraz um sacerdote, — ouvistes ou lestes o que aconteceu ao nosso Duomo? Uma bela estátua, uma da-

quelas que embelezam no alto a nossa igreja; ontem, pela manhã, caiu, precipitou-se no chão... Pois bem. Lembrai-vos de que o Duomo é o símbolo da Igreja, da grande Igreja que amamos e que, através dos séculos, se ergue, olhando para o futuro, mais esplêndida do que uma basilica, mais gloriosa de que uma obra de arte. Cada alma humana, cada consciência juvenil, deveria ser uma estátua bela que adornasse a nossa Igreja; entretanto, conheceis a história de muitos moços. São estátuas que caem por terra, que se precipitam na lama. Acudamos, ó amigos, acudamos em socorro! Como ontem pela manhã houve mil cuidados para aquela estátua, que foi recolhida e tratar-se-á de repará-la, assim também salvemos nós alguma alma, algum jovem para que volte a embelezar o templo vivo de nossa Igreja imortal".

Nas escolas, nas oficinas, nas repartições públicas, algumas vezes até entre as paredes do lar, sempre entre amigos e conhecidos, os nossos pequenos apóstolos cumprem este programa, e isto facilita muito a sua vitória sobre as paixões.

"Quando procuro fazer o bem, sinto o dever de começar por dar bom exemplo, e não permitir nada, nem uma palavra ou um sorriso, que possa comprometer a minha ação, junto a meu companheiro". "Não poderia tentar arrancar os outros da lama, se eu mesmo nela estivesse chafurdado. As minhas energias ficam absorvidas na propaganda; e só o pensamento de que devo dirigir aos outros uma boa palavra, basta para fazer desaparecer a tentação". "Vivendo por um ideal, meu espírito sente-se elevado e numa atmosfera onde os bacilos da vulgaridade lamacenta perecem e são imediatamente mortos". "São duas cousas irreconciliáveis, — o apostolado e a impureza. A primeira é altruísmo, a

outra é degradante egoísmo". "Se eu não fosse puro e procurasse fazer bons os outros, a minha consciência gritaria: impossível. Nem tão pouco deve existir a mínima mancha de pensamento. Deus não abençoaria a minha palavra". E, para os meus companheiros, até agora longe de Deus, os nossos jovens sabem fazer a sua Comunhão, oferecendo a Jesus os sacrifícios que lhes custa a pureza".

Por isso, no ambiente corrompido que os envolve, (resposta á décima pergunta do questionário), a sua conduta não é apenas de negativo protesto, é mesmo de uma ação positiva e boa.

"Reserva absoluta", "Carater enérgico, mostrando o propagandista sem respeito humano, afirmando corajosamente as próprias idéas"; "fazer vêr, sem orgulho, quanto se é superior ao ambiente"; "educar o espírito pouco a pouco, numa absoluta indiferença, em face das seduções"; "fazer um favor ao companheiro corrompido, com gentileza cristã, e procurar o momento mais oportuno para dizer-lhe não na presença de todos, mas sozinho, uma boa palavra"; "rezar por êle e agir como se estivesse presente Jesus"; "não perder jamais ocasião para suscitar uma onda de entusiasmo"; eis, com as suas próprias palavras, a tática dos jovens.

Assim, estendem-se êles em exemplificações consoladoras, e com o bom senso prático, sabem resolver esplendidamente a questão proposta: "Julgas oportunas as discussões sobre o tema da pureza? Ser-te-á de utilidade discutir com companheiros outras convicções morais?"

Os teóricos acham-se atrapalhados. Por um lado é claro "que não é com o silêncio, hoje inadmissível, que um moço pode conservar-se puro". "Não falar de incêndio, nem de apagá-lo, enquanto a casa

arde, é próprio de ingenuos". Por outro lado, não é menos claro que "vence quem foge" e que remexendo a lama, não se pode ter as mãos limpas". Como se sai deste embrulho?

Nenhuma dificuldade existe quando uma pessoa conscienciosa e bôa fala da beleza da virtude, da sua significação, do seu valor, ou quando aponta os perigos e responde ás objeções comumente difundidas. Será bom, porém, que depois os moços discutam este assunto com seus companheiros ainda corrompidos?

Discussões teóricas, de índole mais ou menos científicas, não adiantam, observam os nossos amigos; — antes, muitas vezes, podem ser perigosas para nós, porque nossos companheiros se saem com frases obscenas, ou contam pequenos fatos diante dos quais não sabemos que responder, ou ainda porque a conversa degenera e torna-se mórbida e perigosa, ou, na melhor hipótese, deixa-nos no estado em que nos encontrou.

Mais de que á inteligência, que muitas vezes não está na altura de raciocinar, porque nublada e cega pela paixão, e não vendo o sol, nega a sua existência, é necessário dirigir-se á vontade.

"Cumpro afirmar-se, quando se oferece ocasião, a possibilidade e a beleza de um coração puro. Lembro-me que, falando deste modo a vinte dos meus companheiros de escola, colhi bons frutos; olhavam-me com uma cara de quem jamais na vida pensou na necessidade de ser puro. Além do raciocínio, é necessário dar um brado de despertar. Então obtêm-se sempre, ou quasi sempre, semear a perturbação nas almas perdidas, nestes corações corrompidos, e isto pode significar o princípio do fim. Um remorso ou uma dúvida, elaborados com delicada

insistência, podem produzir ótimos frutos. "É necessário, mais do que convencer, inspirar um grande entusiasmo e dar muito bom exemplo. Ninguém precisa ser convencido, pois todos sabem que a necessidade irresistível e todos os outros pretextos não passam de desculpas elegantes". Numa palavra, a orientação de um jovem corrompido para uma vida nova não se obtém com o raciocínio; é melhor, em vez disto, criar uma atmosfera pura, em que os germens bons, latentes na alma, se possam desenvolver.

Assim, unida organicamente a toda sua vida religiosa, intelectual, social, cresce no coração do jovem a candida flôr da pureza. Organicamente, digo não um "antes", nem um "depois", como num organismo não pode existir primeiro a cabeça, e depois o coração, e por fim, o estômago. A alma inspiradora da orientação vivifica todos os membros que entre sí influenciam-se mutuamente; — a oração ajuda a pureza e esta ajuda a rezar; sendo-se puro, trabalha-se com maior empenho, e o trabalho, por sua vez, serve para vencer a paixão. Sendo-se puro, sente-se o dever do apostolado, serve este imensamente para manter-se puro; a pureza desenvolve o espírito de sacrifício e o sacrifício fortalece a vontade no assalto; o mesmo diga-se da fé, da confissão, da Comunhão e de todos os atos da vida de um jovem puro.

Ao derredor dêle, como auréola fúlgida, sempre se encontra a serenidade e a alegria. "A vitória sobre mim mesmo trouxe-me a máxima alegria". "Hoje estou orgulhoso do meu eu". "Experimento a alegria de um general que venceu uma grande batalha". "Quando comecei uma vida pura, os períodos de melancolia que tinha antes desapareceram. Também, ao seio de minha família, trouxe um raio de

sol". "As minhas lutas custaram-me sangue. Fui constringido a enfrentar sacrifícios enormes. Hoje, porém, tenho uma satisfação que não posso descrevê-la".

Estas são palavras de jovens. E são palavras serenas, cheias de vida e de alegria.

Concluindo

O poeta inspirado, depois dos horrores e da humilhação da culpa, prostrava-se diante do Senhor e fazia ecoar o seu brado súplice mendigando o perdão:

*«Compadecete de mim, ó Deus, por tua clemencia;
Pela grandeza de tua misericordia,
Concela a minha iniquidade!
Lava-me completamente da injustiça
E purifica-me de meu pecado!»*

.....
.....
"Lavar-me-eis; e ficarei mais alvo do que a neve!"

Naquele instante, áquela alma agitada sorriu, no seu radioso candor, o ideal da pureza:

"O' Deus, cria em mim um coração puro!
E então, não só

Tu me darás gozo e alegria».

Mas a flôr do apostolado tornará belo e alegre o jardim da vida!

"Então aos iníquos eu ensinarei os teus caminhos; os pecadores se converterão a Ti".

E as muralhas de Jerusalém, símbolo gentil da

cidade santa, da bondade e da salvação, serão reedificadas!

O' jovens que ainda estais amarrados ás correntes nefandas de tristes quedas e vergonhosos hábitos, imitai o exemplo de Davi!

Talvez nunca, como quando lêstes este volumezinho, tenhais sentido tão forte o apêlo do coração: "Jovens, sêde puros!" Disse-vos isto um pelotão de jovens sorridentes com a alegria de um triunfo sereno. Acolhei o brado libertador! Quebrai as vossas cadeias! Ide, prostar-vos aos pés de um ministro de Deus! Fazei uma confissão geral de todas as vossas culpas! Destruí um passado de vergonhas e de misérias. Fazei com que o vosso coração, já tantas vezes profanado, reconquiste a beleza da inocência perdida.

Ressurgireis com a alma em festa, prontos para qualquer sacrificio, afim de não se ofuscar a esplêndida aurora da vida nova, e combatareis como heróes!

Tambem sereis vitoriosos! Recebereis tambem, como prêmio, depois de lutas ásperas, generosamente superadas, o pão dos fortes, erguereis a frente e sentireis todo o santo orgulho de pertencer á sagrada aristocracia das almas! Juntos, unidos, em redor da bandeira do idéal cristão, lançar-nos-emos todos na árdua batalha do apostolado! E juntos, daremos por toda parte o grito de resgate:

"Sursum Corda!"

Para o alto, para o alto, corações!

I N D I C E

| | |
|--------------------------------|-----|
| Prefacio da Tradução..... | 1 |
| Prefacio do Autor..... | 1 |
| Uma palavra de introdução..... | 5 |
| Trechos da vida..... | 16 |
| Experiencias pessoais..... | 76 |
| Concluindo..... | 113 |